



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

ANA KAROLINE LIMA DE MORAIS

**FOLHEANDO A SAÚDE: O ALMANAQUE D' A SAÚDE DA MULHER E A
CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.**

**CAMPINA GRANDE
2018**

ANA KAROLINE LIMA DE MORAIS

FOLHEANDO A SAÚDE: O ALMANAQUE D' A SAÚDE DA MULHER E A
CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: Corpo, gênero e sexualidade.

Orientadora: Profa. Jussara Natália Moreira Beléns.

CAMPINA GRANDE
2018

M827f Morais, Ana Karoline Lima de.
Folheando a saúde [manuscrito] : o Almanaque d'a saúde da mulher e a construção do feminino nas décadas de 1930 e 1940 / Ana Karoline Lima de Morais. - 2018.
70 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Jussara Natália Moreira Beléns, COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."
1. Almanaque. 2. Gênero. 3. Análise do discurso. I. Título
21. ed. CDD 305.4

ANA KAROLINE LIMA DE MORAIS

FOLHEANDO A SAÚDE: O ALMANAQUE D^a A SAÚDE DA MULHER E A
CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Programa de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em História.

Área de concentração: Gênero, sexualidade e
corpo.

Aprovada em 20/11/2013

BANCA EXAMINADORA

Jussara Natália Moreira Beléns

Profa. Dr. Jussara Natália Moreira Beléns (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Roberto Silva Mendes

Prof. Me. Roberto Silva Mendes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patrícia Cristina de Araújo

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio e Jeane por todos os ensinamentos, mas também terem acreditado em mim e me dado à oportunidade de me dedicar exclusivamente aos estudos. Essa conquista só foi possível graças a vocês.

À minha orientadora pelos três anos trabalhando juntas que me possibilitaram crescer não só enquanto historiadora, mas também como ser humano. És uma inspiração que levarei comigo sempre.

Ao meu companheiro Hugo, pelo apoio nessa caminhada, pela paciência diante das minhas aflições e por sempre ter sido calmaria mesmo nos meus momentos mais tempestuosos e por sempre ter me escutado, mesmo não tendo ideia do que eu estava falando. Muito obrigada.

Aos meus colegas de curso Lucas, Francine, Luan, Cezar, Nayhara, Rayssa, entre outros/as, por toda essa trajetória de apoio mútuo e cumplicidade, essa caminhada não teria sido tão boa sem vocês.

À toda minha família e amigos que mesmo não acompanhando este trajeto de perto torceram por mim e me apoiaram.

Por fim, a todos/as os/as professores/as do curso de História da UEPB, especialmente Alberto Coura, Roberto Muniz, Patrícia Aragão, Bruno Gaudêncio, Adilson Filho, Hilmária Xavier, Socorro Cipriano, entre outros/as, por todo o conhecimento partilhado e pelo aprendizado.

RESUMO

O presente trabalho analisa como o corpo feminino foi construído pelas imagens das propagandas do tônico “A saúde da mulher” no almanaque de farmácia a saúde da mulher, nas décadas de 1930 e 1940. Para isso, fazemos uso das contribuições do filósofo Michel Foucault sobre as noções de discurso, saber e biopoder, para pensar como o discurso médico usado pelo almanaque apreende o corpo feminino, o patologiza e cria para este corpo uma norma do que é ser mulher, a partir de determinados lugares sociais. Também refletimos como tal construção liga-se as aspirações do biopoder e da biopolítica para regular as populações e torná-las saudáveis, atribuindo às mulheres o lugar de agentes sociais como estratégia de controle. A definição do conceito de gênero realizada pela também filósofa Judith Butler, nos é igualmente essencial para a análise, visto que a pensadora concebe o gênero como não sendo verdadeiro, nem falso, mas criado por meio de performances teatralizadas. Desse modo, como procedimento metodológico, utilizamos noções da arqueogenealogia foucaultiana para pensar as condições de possibilidade do periódico e a ordem discursiva da qual este faz parte, levando em consideração as relações de poder que o constituem. Percebemos como o gênero feminino, enquanto performativo, é construído no almanaque pelos saberes e poderes por meio dos discursos.

Palavras-Chave: ALMANAQUE. GÊNERO. SAÚDE

ABSTRACT

The present study analyses how the female body was constructed by the images of the tonic advertisements “Women’s Health”, in the decades of 1930 and 1940. For such, we make use of the contributions of the philosopher Michel Foucault on the notions of discourse, knowledge and biopower, to think how the medical discourse used by the almanac seizes the female body, pathologizes it and creates, for this body, a norm of what it is to be a woman, according to the rules of the of certain social places. Furthermore, we also reflect how such construction connects with the aspirations of biopower and biopolitics to regulate populations and make them healthy, giving women the place of social agents as a strategy of control. The definition of the concept of genre by the philosopher Judith Butler is equally essential for the analysis, since the thinker conceives the genre as neither true nor false, but created through theatrical performances. Thus, as a methodological procedure, we use notions of the Foucaultian archeogynology to think about the conditions of possibility of the periodical and the discursive order of which it forms part, taking into account the relations of power that constitute it. We perceive how the feminine gender, while performative, is constructed in the almanac by the knowledge and powers through the discourses.

Key words: ALMANAC, GENDER, HEALTH.

SUMÁRIO

1.Introdução: O corpo feminino entre a Ciencia e a Natureza.	7
1.1 Fundamentação teórico-metodológica:.....	10
2. Capítulo I: “O livro dos livros”: os almanaques e os almanaques de farmácia entre a história e a escrita.	20
2.1 Mapeando a História dos almanaques no Brasil.....	20
2.2 Almanaque de farmácia na produção acadêmica brasileira:	24
2.3 O almanaque d’ A saúde da mulher e a construção da feminilidade.....	30
3. Capítulo II: Saúde e biopoder no almanaque d’ A saúde da mulher	35
3.1 – As demandas de uma saúde da Mulher e a apreensão do corpo feminino pela medicina	37
3.2 – “O sexo frágil” o feminino no almanaque d’ A saúde da mulher	39
3.3 - Patologização do corpo feminino e o ideal de mulher.	49
4. Capítulo III: “Seja sua própria enfermeira”: autonomia e saúde feminina no almanaque.	52
4.1 - Autônoma, porém frágil.	55
4.2 - “Cumpra seu dever patriótico”: quando a nação precisa das mulheres.....	60
5. Considerações finais:	66
6. Referências:	69

1. Introdução: O corpo feminino entre a Ciência e a Natureza.

No ano de 1938 o almanaque d' A saúde da mulher lança o seguinte enunciado: “ Não viva escravizada do seu organismo!”. A frase nos leva a refletir sobre quais características do corpo feminino levariam à mulher ser escravizada e submetida por sua própria constituição biológica, mais abaixo da propaganda podemos ter uma ideia mais geral desse problema enfrentado pelas mulheres:

Si é certo que o organismo feminino é de delicadeza extrema, exigindo cuidados permanentes para que funcione com regularidade não é menos certo que a Ciência põe ao alcance da mulher os meios adequados para corrigir as deficiências da Natureza. (Almanaque d' Saúde da mulher, 1938, p.09).

O uso das letras maiúsculas que dão ênfase aos substantivos ciência e natureza parecem indicar o embate travado entre o funcionamento natural do corpo feminino e sua regulação e bom funcionamento. Ciência e Natureza, substantivos femininos que definem o corpo feminino de forma precisa e direta. Diante de uma biologia falha e delicada própria das mulheres, como aponta o próprio almanaque, só a ciência propõe uma solução viável e prudente.

O almanaque d' saúde da mulher traz um debate sobre o corpo feminino já conhecido no mundo científico desde o final do século XVIII, quando este corpo passa a ser o alvo principal do saber médico. Neste período o conhecimento produzido pela medicina diante da biologia feminina conclui que as mulheres eram compostas por uma biologia falha e defeituosa completamente oposta da biologia masculina (LAQUEUR, 2001). Não só diferenciado do masculino é o corpo feminino, mas tido como patológico e prejudicial não só à mulher, mas a todos que a cercam. Logo, caberia a este saber a regulação destas patologias tão nocivas à sociedade. O tônico “A Saúde da mulher”, propagandeado pelo periódico, apresenta-se como uma dessas soluções oferecidas pelo conhecimento científico para promover a saúde feminina livrando-as desses transtornos nocivos.

Thomas Laqueur (2001) mostra como a constituição de um saber médico em torno do corpo feminino fez uso de lugares sociais já estabelecidos para fundamentar o saber biológico sobre este corpo, mostrando que as verdade biológicas foram amplamente pautadas pela cultura do momento no qual estavam inseridas. Com esta afirmativa o autor rompe com a ideia de conhecimento objetivo e neutro que ronda as ciências biológicas e a medicina.

O autor também destaca que é com o advento da medicina moderna que a diferenciação dos corpos pautará este saber. O corpo feminino e masculino até o século XVIII

entendidos como um mesmo corpo que tinham apenas a pequena diferença de terem seus órgãos reprodutores voltados para fora (no caso do masculino) ou para dentro (no caso feminino). Esta pequena disparidade entre as biológicas não era encarada como uma oposição completa, afirma Laqueur, mas percebidas como duas características de um mesmo corpo, podendo apresentar-se como mais desenvolvido e completo nos homens e menos completo nas mulheres. A diferenciação completa feita a partir do final do século XVIII, colocará feminino e masculino como totalmente opostos. Opostos e hierarquizados, visto que é com a maior importância dada ao corpo feminino que este passará a ser percebido como constituído de diversas falhas biológicas causadas pelo seu útero pautando seu comportamento no meio social.

Ao estudar a institucionalização de uma medicina de mulher no Brasil nas primeiras décadas do século XX, a antropóloga Fabíola Rohden destaca duas especialidades médicas que cuidarão do corpo feminino são elas a ginecologia e obstetrícia, enquanto a segunda cuida dos cuidados com as gestantes e se ocupa do acompanhamento da gravidez, a primeira ficará a cargo de estudar os órgãos reprodutores femininos e as possíveis doenças acarretadas por tais órgãos.

Embora se ocupando de aspectos distintos da saúde feminina obstetras e ginecologistas concordam em um aspecto crucial: ambos os especialistas devem intervir no meio social para assegurar o bom funcionamento da saúde feminina que conseqüentemente assegura o desenvolvimento das famílias e da nação como um todo (ROHDEN, 2001).

Não podemos deixar de mencionar a colocação da população como um problema político desde o século XIX (FOUCAULT, 1982). Foucault aponta que a partir desta problemática, surgirá um novo poder no ocidente que cuidará de regulamentar esta população e torná-la saudável e rentável, a este poder Foucault chama de biopoder e a sua apropriação pelos Estados nacionais de biopolítica. É dentro da biopolítica que percebemos a ampla preocupação com a saúde da mulher e das crianças, e dos indivíduos que compõem uma nação. São conseqüências dessas preocupações a modificação dos lugares sociais dos sexos dentro das famílias, agora diferenciados pela medicina. Assim, observamos que o incentivo às mulheres não deixarem seus lares para trabalhar fora, será um meio importante para assegurar que a população seja bem cuidada desde pequena, por suas mães. (ROHDEN, 2003).

Mesmo que desde o início da industrialização do país as mulheres tenham sido uma mão de obra importante na composição do proletário das fábricas, com a interferência de

médicos e higienistas alertando para o perigo das mulheres que não ocupam seu lugar dentro do lar cuidando da saúde dos filhos representa para a sociedade (RAGO, 2014), podemos observar entre as décadas de 1930 e 1940 um grande crescimento das propagandas e das campanhas que visavam promover os benefícios de uma mulher que se entrega totalmente a maternidade e aos cuidados do lar (ROHDEN, 2003).

Outro fator considerável é a importância que a eugenia teve para impulsionar as políticas nacionalistas. Como aponta Stepan (2005), foi com os Estados nacionalistas e a pretensão deles de possuírem uma população homogênea em termos biológicos que impulsionou as políticas eugenistas. Nos países da América Latina, o tipo de eugenia que vigorou foi a chamada “eugenia positiva” que além de aconselhar o casamento dos mais aptos biologicamente também via nas ações higienistas e na busca por solucionar problemas sociais como a pobreza, o meio mais seguro para constituir uma população saudável e dentro dos níveis eugênicos.

Tal postulação não implica dizer que a eugenia negativa, que via nos fatores biológicos transmitidos hereditariamente o principal foco de transmissão dos fatores degenerativos para nação, não tivessem tido importância nestes países, pelo contrário alguns eugenistas latino-americanos inclusive tentaram implantar leis que impedissem o matrimônio dos considerados “degenerados”, mas tais leis, se foram implementadas em alguns países, não tiveram tanta significância ou expressividade nestas nações (STEPAN, 2005).

Um fator primordial para ser considerado para se pensar tanto a eugenia negativa quanto a positiva e sua atuação na América Latina é, sem dúvida, a importância que a raça, mas sobretudo, o gênero adquirem na construção de uma nação saudável e livre da degeneração. As mulheres vão ser entendidas como um ponto chave nesta busca, visto que além de desempenharem um papel fundamental na geração dos indivíduos, elas também deveriam ser responsáveis pelo cuidado das crianças e este cuidado envolvia, sobretudo, a saúde (ROHDEN, 2001).

Na década de 1930 com a implementação de um novo governo por meio do golpe dado por Getúlio Vargas e com a formação de uma nova constituinte Stepan (2005) aponta a participação ativa dos eugenistas na pretensão de implementação de leis que garantissem seus objetivos. Caberia ao estado, na visão dos eugenistas brasileiros, promover a educação eugênica fazendo com que tais proposta alcançassem toda a população, sobretudo as mães. Dito isto, podemos perceber que embora em alguns momentos o pensamento ligado à eugenia

negativa ganhasse força, inclusive entre Renato Kehl um dos pensadores mais expressivos da eugenia brasileira, o pensamento eugênico que mais teve força no Brasil foi aquele que via na promoção de uma consciência eugênica o caminho mais seguro para estabelecer no país uma população livre de degenerações.

Com o outro golpe dado por Vargas que deu início ao Estado Novo percebemos os ideais de unidade nacional mais difundidos, logo encontramos os ideais eugênicos propagandeados no meio social de forma ampla, seja por meio da promoção de uma saúde da população, por meio de jornais, revistas e periódicos no geral. Seja por meio de uma política que visava dar assistência às populações mais fragilizadas fossem elas mulheres, crianças ou trabalhadores. Neste sentido, ainda na esteira do pensamento de Stepan (2005), compreendemos que alargar este estudo para pensar o almanaque d' Saúde da mulher e sua ligação com a biopolítica e os ideais eugênicos para a década de 1940 se faz primordial visto que ainda nesta década a eugenia brasileira positiva encontrava-se amplamente institucionalizada por meio de políticas públicas aqui já elencadas.

Assim, o almanaque d' A saúde da mulher se mostra como uma técnica do biopoder de difundir a saúde no meio social, procurando melhorar a saúde da população no geral, tendo as mulheres como encarregadas principais de tal tarefa. Neste sentido, buscamos investigar na presente pesquisa como e por meio de quais estratégias o corpo feminino é construído pelo almanaque d' A saúde da mulher nas décadas de 1930 e 1940, levando em consideração quais os interesses estavam inseridos nessa construção e sua finalidade. Interessa-nos problematizar que lugares sociais, a partir desta construção, foram delegados às mulheres e o porquê. Neste sentido procuramos contribuir para a história das mulheres e a relação entre saber, poder e verdade que são as principais problemáticas que se articulam neste domínio histórico.

Dentro desta análise, compreendemos que algumas noções e conceitos apresentam-se como primordiais para empreendermos este trabalho, nos ocuparemos destes conceitos na próxima seção e insistiremos na importância destes para a presente pesquisa.

1.1 Fundamentação teórico-metodológica:

A história é um saber que, assim como outros, está sempre em transição se modificando e se alargando a partir de novas fontes, problemas e métodos. Como aponta Sandra Pesavento (2003), uma virada nos domínios de Clio aconteceu no Brasil a partir da

década de 1980, trazendo mudanças epistemológicas na forma de pensar a história, sua escrita, suas fontes, por fim, todos os seus aspectos. Esta nova forma de concepção de história, na qual a autora chama de Histórica Cultural vem marcando a produção brasileira histórica de forma significativa desde a década de 1990 até os dias atuais.

Sem dúvidas, a História Cultural promoveu grandes mudanças no saber histórico, segundo Pesavento “um novo olhar” sobre este saber. Algumas das mudanças mais expressivas estão ligadas à procura da verdade sobre o passado do conhecimento histórico. Para a história cultural o/a historiador/a não deve mais se preocupar na busca da verdade dos fatos por meio das fontes históricas visto que tais fontes não são neutras, mas atravessadas de relações de poder e tensão do seu contexto de produção, não mais pensar a fonte como toda fonte de verdade do passado, mas como uma construção interessada de sujeitos históricos parciais, que carregam uma versão do fato que não é a única e que ao ser construída silenciou outras versões.

O/a historiador/a também deixou de ser esse sujeito que constrói uma história objetiva do passado, que ao ser científica também é verdadeira e imparcial. Pesavento (2003) aponta como a partir do conceito de sensibilidades a pessoa que constrói o conhecimento histórico também passa a ser pensada enquanto ser subjetivo que interfere na narrativa histórica, seja na escolha de temas, fontes e problemas levantados. É dentro da história cultural que o ideal de conhecimento histórico produzido por sujeitos imparciais, cai completamente por terra.

Nesta nova forma de conceber a história que pensa a cultura e aqueles/as que a produziram como um importante aspecto a ser trabalhado historicamente tão importante quanto o econômico e o social, se liga a nossa análise do almanaque d’ A saúde da mulher. Como aponta Sandra Pesavento mesmo que diferentes historiadores/as de diversificadas perspectivas teóricas sejam inseridos/as como historiadores/as culturais o elo que liga estas tantas perspectivas é “uma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” (PESAVENTO, 2003, p.17). A cultura como resgate de sentidos conferidos ao mundo distancia-se das concepções mais antigas, ela não é uma mera integrante da superestrutura econômica, não pretende ser a separação entre erudito e popular, nem ser apenas uma produção para o deleite humano. A História Cultural, aborda a cultura como os homens construíram um conjunto de significados para explicar o mundo e dar sentido a ele.

A história das mulheres, assim como a História Cultural parte de uma crítica à história ocidental homogeneizante que por muito tempo colocou que apenas homens faziam história e que as mulheres, se a faziam, não era digno de importância. Um grande nome que faz parte da História das mulheres mundial é a historiadora Francesa Michelle Perrot.

Um conceito que além de fundamental transformou a forma de pensar a história das mulheres no ocidente foi o conceito de gênero. Colocado em pauta pelos movimentos de mulheres, gays e lésbicas este conceito, inicialmente, visava mostrar o lado cultural de construção dos lugares sociais atribuídos aos sexos e seus corpos. Por inicialmente ser pensando enquanto categoria fixa, o sexo foi afastado do conceito de gênero, se o segundo era construído cultural e socialmente, o primeiro fazia parte do campo biológico e era tido como fixo. Inicialmente, a crítica feminista ia de encontro a alguns aspectos tidos como imutáveis tanto atribuídos às mulheres como aos homens e inclusive faziam uma crítica a linguagem que nomeava universalmente todos/as no masculino.

Joan Scott (1995) foi uma das primeiras historiadoras que teorizou este debate e colocou o gênero como uma categoria importante para o fazer historiográfico. Assim, o uso da categoria gênero possibilitou estudar como historicamente os lugares sociais eram atribuídos a homens e mulheres e os conflitos que dessas relações ocorreram. O gênero acrescentaria uma nova forma de olhar fatos históricos sob a perspectiva feminina como o caso da mudança nos lugares sociais em tempos de guerra onde homens iam lutar e as mulheres ficavam e assumiam posições sociais tidas como masculinas.

Como aponta Joana Maria Pedro (2005) foi o trabalho de Thomas Laqueur “Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud” que em 1992 mudou a concepção de se pensar o gênero e o próprio sexo. Em seu trabalho Laqueur (2001) mostra que a diferença sexual entre homens e mulheres é algo recente, inexistente antes do século XVIII, antes havia apenas o sexo masculino e as mulheres eram consideradas um macho com defeito, neste caso, o autor mostra que o sexo não é tão natural como até então os trabalhos que pensavam o gênero acreditavam. Seu trabalho inspirou novos/as pesquisadores/as a repensar tanto o gênero quanto o sexo, um dos trabalhos mais notáveis e que usamos como o nosso principal referencial teórico é o trabalho de Judith Butler “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2015), seguindo as contribuições de Laqueur a autora questiona a afirmativa de que caberia ao gênero a construção cultural e ao sexo o determinismo biológico. Ao demonstrar que o próprio sexo já nasce gênero, a autora reaproxima os dois conceitos que há

muito haviam sido separados. Desta forma, a autora argumenta que não há gêneros verdadeiros e essenciais, mas que são construídos performaticamente e por meio dos discursos.

Judith Butler (2015) nos dá os principais subsídios para pensar a construção do feminino dentro do almanaque, pois este se apoia no saber médico construído em torno deste corpo no século XIX, não só diferenciado foi o corpo feminino, mas patologizado, colocado como naturalmente doente e débil, era necessário que o saber médico intervisse constantemente no corpo das mulheres. Desse modo, o tônico a saúde da mulher nasce como um remédio que visa “regular” a saúde feminina. Em suas propagandas o tônico constrói, junto com o saber médico, o corpo doente de que fala.

Michel Foucault, como aponta Burke (2008), contribuiu significativamente para a Nova História cultural, sobretudo para a vertente construtivista hoje tão importante neste domínio histórico. Foucault, sem dúvidas, fornece o aporte teórico-metodológico para pensarmos o almanaque d’ A Saúde da Mulher, visto que este autor estudou consideravelmente as condições de possibilidade que fizeram com que o saber médico e seu caráter de cientificidade adquirisse status tão importante na sociedade ocidental. Alguns conceitos e aportes metodológicos deste autor serão de fundamental importância para emprendermos nossa análise, mas antes faz-se necessário algumas explicações em torno do pensamento deste autor.

Como aponta Alfredo Veiga-Neto (2009), alguns cuidados devem ser tomados ao tratarmos das reflexões realizadas por Michel Foucault, sobretudo relacionado à utilização de alguns termos para nos referirmos à obra sua obra. Veiga-Neto salienta que devemos tomar cuidado ao uso das palavras teoria e metodologia para nos referirmos ao pensamento foucaultiano, principalmente pelo uso que ambas as palavras adquirem com a modernidade a partir de Descartes, onde teoria e método apresentam-se enquanto um conjunto fechado, teoria implicaria na maneira verdadeira de abordar e enxergar o mundo e método implicaria na forma correta de analisar o real. Alfredo Veiga-Neto mostra como Foucault em muito afastou-se destas concepções, especialmente da de realidade verdadeira deixando de lado a busca de uma origem (FOUCAULT, 1982). Nesse caso o autor propõe que o uso do termo teorização para tratarmos da obra de Michel Foucault mostra-se mais frutífero, pois distancia-se da concepção moderna apresentada e leva em consideração as mutações constantes que o próprio Foucault realizou na forma de abordar seus objetos.

Patrícia O' brien (2001) mostra que as contribuições foucaultianas sobre o poder/cultura e os saberes, consiste mais em uma forma de análise, logo uma metodologia – como já colocado não no sentido cartesiano – do quê a uma teoria.

Nesse sentido, alguns arcabouços teórico-metodológicos foucaultianos constituem-se para o nosso trabalho como fundamentais no modo de percebemos os almanaques. Inicialmente o conceito de saber aparece como primordial para a nossa análise. O saber deve ser compreendido como a base na qual proposições exatas ou não serão constituídas, se desenvolvem descrições, são empreendidas verificações, podendo desdobrar-se em teorias (FOUCAULT, 2008). Ou seja, como aponta o autor:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não o status de científico [...] um saber é também o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...] finalmente, um saber se define por possibilidade de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. (FOUCAULT, 2008, p.204)

Como coloca Foucault (2008) o saber não necessariamente é dependente da ciência, mas está ligado a uma prática discursiva, assim como toda prática discursiva está relacionada pelo saber que forma (FOUCAULT, 2008), por práticas discursivas o autor compreende: “[...] o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, explicá-los etc.” (FOUCAULT, 2008, p. 51). Assim, regras de tratamento de determinado objeto, dentro do campo enunciativo ou não, tais práticas formam os objetos de que falamos. É dentro desta perspectiva da formação dos objetos de que fala que é necessário compreendermos a prática discursiva que formou o saber que tem como objeto o humano, mas sobretudo, as mulheres para entendermos como o conhecimento científico originado deste saber criou e patologizou o corpo feminino, patologização frequentemente usada pelo almanaque para construir o ideal de feminino “naturalmente doente” que precisa ser medicalizado e normalizado.

Neste sentido, outro conceito elaborado por Michel Foucault se fará importante dentro de nossa perspectiva teórica, o de poder. Ao tratar da emergência do dispositivo da sexualidade em História da sexualidade I: a vontade de saber, Foucault (2015) analisa o saber sobre o sexo em termos não de lei ou repressão como o mesmo coloca, mas em termos de poder. Para isso, como aponta Foucault é necessário a conceitualização do que é entendido como poder por este autor, assim o filósofo coloca:

Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2015, p. 101)

Nesta perspectiva não podemos procurar no poder ,dentro da perspectiva foucaultiana, um centro de onde ele emane. O poder não pertence ao Estado ou a uma classe, ele está, assim como uma teia, distribuído pelos mais diversos locais da sociedade, vem de todos os lugares “Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob uma invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro” (FOUCAULT, 2015, p.101).

Algumas regras devem ser levadas em consideração a tratar do poder, ele não é algo que se adquire, não pertence fixamente a nada nem a ninguém. Suas relações estão inseridas em todos os meios sociais, e mais do que proibir, ele produz. Foucault analisa o poder em termos positivos enquanto produtor de saberes. E que onde há poder há resistência, embora estejamos todos inseridos dentro das relações de poder elas não impossibilitam contestações, ao contrário, a pressupõe, assim resistências múltiplas, espontâneas, distribuídas em pontos irregulares são características das relações de poder.

Dentro das relações de poder, a sexualidade aparece como ponto intenso carregado de diversas estratégias de saber e poder, justamente pelo local que o sexo insere-se na sociedade ocidental; lugar da verdade do indivíduo. Desta forma, como mostra Foucault (2015) quatro grandes conjuntos de estratégia que exprimem os dispositivos de saber e poder sobre o sexo, são eles: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Das quatro estratégias, uma será fundamental para compreendermos o almanaque d’ A saúde da mulher. A histerização do corpo feminino que resultou em sua medicalização, ou seja:

[...] a histerização das mulheres que levou a uma medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que ela teria no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade. (FOUCAULT, 2015, pg. 159)

Desta forma, a mulher aparece enquanto objeto da medicina devido a sua ligação com a família e, principalmente a geração dos indivíduos da sociedade. Isso só foi possível, segundo Foucault devido à emergência de um novo poder que visou potencializar a vida, o biopoder.

No quinto capítulo da “A vontade de saber” Foucault caracteriza um poder que desde o século XVII vem se desenvolvendo e terá na vida a sua principal preocupação. Diferente do poder soberano que se exercia no nível do poder de tirar a vida ou de deixar viver o biopoder se articulará na maximização da vida “Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar viver* foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* a morte.” (FOUCAULT, 2015, p.149). A organização do biopoder se articulou, argumenta Foucault, através de dois polos: as disciplinas do corpo e as regulações da população. O sexo apresenta-se como fundamental para o biopoder, segundo o autor, pois articula-se entre esses dois eixos na disciplinarização dos corpos e na regulação da população e a vitalidade do corpo social, como se reflete a seguir:

É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar de rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, e a exclusão dos “degenerados” (FOUCAULT, 1982, pg.145).

A população e o corpo social foram, desta forma, conceitos primordiais sobre o qual o biopoder se valerá. O biopoder atuará na regulamentação e no controle da população, assim a saúde pública, os problemas em torno da natalidade, a longevidade são problemas onde o biopoder atua e se exerce.

Portanto, concebemos o almanaque d’ A Saúde da mulher inserido dentro da estratégia de histerização do corpo feminino que o medicalizou e o patologizou a partir da estratégia de um biopoder de maximizar a vida. Para isso é necessário a constante construção desse corpo e sua associação a um ideal muitas vezes ligado ao lugar social que deve ser ocupado por este corpo. Na tentativa de garantir a proteção do corpo social ideais de feminilidade foram criados e tidos como fixos e naturais das mulheres, procuraremos analisar a partir de quais saberes e poderes tais performances de gênero foram construídas.

Desta forma compreendemos que a análise arqueogenealógica consiste justamente nesta preocupação sobre o sujeito que atravessa toda a obra de Michel Foucault e concebe junção entre poder e saber na constituição desses sujeitos e de seus corpos, mais especificamente, buscaremos analisar o almanaque d’ A saúde da Mulher e seu lugar na instrução das mulheres para serem esposas e mães adequadas levando em consideração a prática discursiva que forma o almanaque e o poder que esta envolve construindo um ideal de mulher que corresponderia as demandas sociais, econômicas e políticas das décadas de 1930 e

1940. A arqueogenealogia consiste em abordar a descontinuidade e a historicidade do ser, como nos diz Foucault:

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. A história ‘efetiva’ se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem- nem mesmo seu corpo- é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (FOUCAULT, 1982, p. 27)

Para compreender esta descontinuidade é necessário levarmos em consideração a constante construção dos sujeitos através de discursos que devem obedecer a regras e práticas para tomarem o estatuto de verdade, observamos isso no almanaque visto que este faz uso constante do discurso médico para tratar do corpo feminino adquirindo para si um lugar dentro dos discursos verdadeiros:

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘policia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (FOUCAULT, 2014, pg. 34).

Portanto, compreendemos que os discursos interagem com uma regularidade onde saber e poder se articulam estabelecendo uma verdade e, além disso, que para estar inserido dentro de tal regularidade é necessário seguir regras determinadas a respeito do que falar, como falar e onde falar. Assim, como o poder na obra de Foucault o discurso não possui um centro ou um sujeito fundador fonte de todo o significado. Análise do discurso, na arqueogenealogia, está, pois, ligada a relação entre poder e saber e como encontra-se e constrói-se o sujeito dentro de tal relação.

Para pensarmos as imagens do almanaque as contribuições foucaultianas são, portanto imprescindíveis. Maria do Rosário Gragolin (2011) pensando as ideias da análise do discurso foucaultiano e a análise de imagens propõe uma semiologia histórica que pensa como imagens e palavras se articulam em um todo de sentido:

Se considerarmos a relação entre palavras e imagens como fundante da memória social, então precisamos pensar em uma semiologia que leve tanto os elementos configuracionais dessas diferentes materialidades (uma ‘gramática’ do verbal; uma ‘gramática’ do não verbal) quanto a forma como as palavras e imagens compõem um todo de sentido. Precisamos, portanto, pensar sobre as relações que as palavras estabelecem com as imagens. (GREGOLIN, 2011, p.99)

Pensando juntamente com a autora palavras e imagens são ambas atravessadas pelas relações de poder-saber que atravessam os discursos, as imagens com suas cores, seus traços

e seu caráter apelativo são complementadas pelas palavras que as seguem, buscamos aqui levar em consideração tal aspecto, sem nos afastarmos das teorizações foucaultianas sobre o sujeito e sua construção pelos discursos.

Assim, verificamos que ao analisarmos os almanaques observando e inserindo-os em uma ordem discursiva constituída entre os séculos XVIII e XIX que legitimava o discurso científico ao passo que este legitimava o discurso do almanaque, estando ambos no interior de uma mesma formação discursiva, podemos perceber relações entre poder e saber dentro dos periódicos que validavam sua visão em torno do corpo feminino. Além disso, é possível observarmos como tal corpo é produzido no interior de tal discurso, influenciando as práticas de regulação e normalização dos mesmos.

Nossa pesquisa se divide em três momentos, no primeiro buscamos construir a história dos almanaques até a sua versão mais conhecida no Brasil que é o almanaque de farmácia, além disso nos interessa perceber como tal fonte foi e ainda é trabalhada dentro dos meios acadêmicos, sobretudo historiográficos, pretendemos com isso apontar os almanaques de farmácia como um significativo meio para pensar a saúde no Brasil e aquilo que ela tem de específico e inovador.

No segundo capítulo nos centraremos na análise do periódico e como a ligação entre saúde e biopoder corroboram para construir um lugar social fixo para o corpo feminino, visando como o corpo está inserido em relações de poder e saber e os produz dentro dos discursos. Aqui damos mais ênfase a importâncias das imagens nas propagandas do tônico a saúde da mulher como uma estratégia persuasiva para difundir tal ideal.

No terceiro e último capítulo damos ênfase intitulado “‘Seja sua própria enfermeira’: autonomia e saúde feminina no almanaque” procuramos analisar como o periódico visava a partir de uma construção de uma mulher autônoma, desde que usuária do tônico a saúde da mulher, insistir na patologização do corpo feminino, mostrando que as mulheres poderiam ocupar os mais diversos lugares sociais desde que tratassem de sua natureza biológica falha. Além disso neste capítulo buscamos explorar como em tempos mais nacionalistas com a implementação da ditadura do Estado Novo a relação entre mulheres e estado ganha outra configuração.

Com a presente pesquisa buscamos contribuir para a história da saúde que vem cada vez mais crescendo no meio historiográfico, buscando insistir como os almanaques de

farmácia se apresentam como uma fonte importante para pensar este aspecto da história brasileira.

O almanaque d' A saúde da mulher encontra-se na Biblioteca de obras raras Átila de Almeida na Universidade Estadual de Paraíba, onde, através de agendamento pode ser facilmente acessado e pesquisado por toda a comunidade acadêmica. Das duas décadas somente o ano de 1932 não encontra-se disponível na biblioteca, nosso trabalho apresenta esta pequena lacuna.

2. Capítulo I: “O livro dos livros”: os almanaques e os almanaques de farmácia entre a história e a escrita.

2.1 Mapeando a História dos almanaques no Brasil.

A percepção da imprensa enquanto fonte importante para a construção da história passou por um percurso duradouro. Para que isso ocorresse primeiro foi necessário que a História não mais pretendesse a busca pela apreensão total e verdadeira do passado e deixasse de ter como assunto principal a história política oficial dos Estados, desdobramento esse possível através de várias contribuições da escola dos Annales e a reformulação do marxismo clássico (LUCA, 2008). Preocupando-se com novas problemáticas e ampliando seu campo de observação para outros eixos da sociedade, os/as historiadores/as puderam observar na imprensa um importante meio para se pensar o passado. Desde então, jornais, periódicos, panfletos entre outros tem aparecido cada vez mais dentro de pesquisas historiográficas sobre os mais diversificados temas.

Como nos mostra Tânia Regina de Luca (2008), as revistas ganharam um grande destaque no Brasil enquanto fonte histórica na década de 1970 e puderam trazer os mais diversificados temas para pesquisas, e hoje, sem dúvida, acompanhamos a gama de trabalhos sobre tais impressos periódicos que vêm se destacando em trabalhos acadêmicos sobre tais fontes. Entretanto, contemporâneo às revistas ou aparecendo até mesmo antes delas, outro tipo de periódico que ainda não tem tanta atenção dentro do quadro de fontes históricas, mas que merece igual consideração são os Almanques e, seu tipo mais conhecido e popularizado no Brasil, os Almanques de Farmácia (TRIZOTTI, 2008). Neste capítulo procuramos discutir as características principais dos almanaques de farmácia dando ênfase ao almanaque d’ saúde da mulher, seu percurso no país e suas ligações com o saber médico que produziram o corpo feminino.

Apontado por Rorger Chartier na introdução do livro de Margareth Brandini Park como “o livro dos livros” (PARK, 1999) os almanaques se destacam ao abordarem variados temas e conter, ainda mais diversificadas, informações. Ao analisar a etimologia da palavra almanaque Vera Casa Nova (1999) demonstra que a palavra tem raízes orientais, mais precisamente árabes, mas que aparece tanto no grego quanto no romano. O que se destaca na palavra é sua frequente relação com o tempo, o calendário, as estações do ano, os meses etc.,

esta relação persiste mesmo nas modificações que o impresso sofre através do tempo, como anuncia Park:

Ao elaborar este trabalho, estudando os almanaques, talvez o que me tenha mais chamado atenção é que todos eles, sem exceção, desde os mais antigos até os atuais apresentam um só tipo de organização. Esta organização está sempre relacionada ao tempo, à lua, ao mês podendo estar vinculada ao horoscopo, aos signos, aos calendários agrícolas ou não. Em outras palavras, o que pretendo assumir como hipótese aqui é que o calendário representa a ligação estabelecida entre o homem e sua organização de espaço e tempo. (PARK, 1999, p. 35)

Desse modo, como refletido pela autora supracitada o tempo mostra-se como presença marcante dentro dos almanaques, constituindo-se, assim, como uma das principais características deste periódico, sobretudo pelo fato dos impressos serem elaborados anualmente. Esta característica de ligação com o tempo persiste mesmo após as mudanças, como a inserção de novos conteúdos a exemplo das propagandas dos medicamentos que foram colocadas nos almanaques de farmácia.

Foi no ocidente, mais precisamente, na época medieval que os almanaques se tornaram mais populares e difundidos (TRIZOTTI, 2008), principalmente pela propagação do calendário religioso. Além disso, sua popularização só foi possível com o aparecimento da imprensa na Alemanha em 1455, fazendo com que sua periodicidade fosse possível. Embora muito ligado a difundir datas religiosas os almanaques não tinham apenas esta função, nestas fontes também era divulgado o calendário agrícola, horóscopo, curiosidades, conselhos sobre a saúde e a doença etc. (LARA, 2015).

No Brasil, a chegada do almanaque também liga-se ao período de constituição da imprensa e de sua disseminação no meio social, desta forma, a chegada da família real apresenta-se como significativa para este desenvolvimento. Entretanto, como aponta Patrícia Trizotti (2008) foi com a proclamação da liberdade de imprensa em 1821 que a propagação de periódicos, entre eles os almanaques, se fez mais presente no país. O gênero se popularizou rapidamente, vemos já no século XIX, como aponta Park (2008), uma considerável difusão de almanaques. Entre os principais almanaques se destacam aqueles que tinham como tema principal as cidades como exemplo *o Almanak administrativo, mercantil e industrial da Província de Pernambuco*. Embora populares, não foram os almanaques das cidades que mais difundiram este tipo de impresso no Brasil, mas sim os almanaques de farmácia.

Os almanaques de farmácia caracterizam-se por conterem em sua estrutura a mesma organização que leva em consideração os aspectos, já citados, relativos ao tempo, dando relevância a festas religiosas, horóscopo, calendário agrícola etc., assim como os outros, seu diferencial está no fato de serem editados e distribuídos por laboratórios como forma de propagar seus medicamentos, elixires e tônicos. É nas primeiras décadas do século XX em que os principais almanaques de farmácia do Brasil começam a ser difundidos por todos os cantos do País. É necessário levarmos em consideração que além de difundir propagandas de remédios, os almanaques eram distribuídos de graça pelas farmácias, tendo seu poder de abrangência no país alcançando níveis altíssimos, como mostra Vera Casa Nova:

Com uma forma intencionalmente popular (máximo de 35 páginas, formato 18,3 cmg x 13,4 cm), o almanaque de farmácia podia ser levado de um lado para o outro com a maior facilidade- brinde de lojas, presente de Natal ou Ano Novo. E assim se espalhava pelo interior do Brasil, interessando sobretudo ao homem do campo e sua família, carente de informação, que, no início de cada ano, o procurava nas farmácias, para se informar e se distrair, como se fosse um livro objeto de difícil acesso para a maioria. (CASA-NOVA, 1996, p. 24)

Esta capacidade do almanaque de farmácia de alcançar os lugares mais remotos do país deve ser entendida de acordo com o contexto histórico em que esse periódico era impresso, pois é necessário ressaltar que cada vez mais a saúde e o conhecimento médico-científico passam a ocupar um lugar cada vez mais presente no cotidiano de todas as populações do Brasil, paulatinamente, é a medicina que mais tem autoridade para falar dessas populações, sendo ela encarregada de “curar” este grande hospital que seria o Brasil das patologias capazes de comprometer todo o corpo social, desta forma, era a medicina e o sanitarismo as principais formas de combater esses na visão destes cientistas. Assim, é necessário levarmos em consideração que o almanaque apoia-se na discursividade do conhecimento científico e da medicina e segue determinadas regras para ele próprio constituir-se enquanto proposição verdadeira sobre a saúde, para o almanaque era necessário “estar dentro do verdadeiro” como aponta Foucault (2014)¹.

O início da circulação dos principais almanaques de farmácia do Brasil coincide com o surgimento da publicidade de vários outros medicamentos. Em seu livro “Vendendo saúde: a História da Propaganda de Medicamentos no Brasil” Eduardo Bueno e Paula Taitelbaum

¹ Para o filósofo Francês a verdade não é algo transcendental que permanece intacta desde a origem, assim, dentro do pensamento Foucaultiano a verdade é historicamente datada e mutável, desta forma, estar no verdadeiro significa seguir determinadas regras que atestam o caráter de veracidade aos discursos.

(2008) apontam como os almanaques foram importantes para o início da publicidade, segundo os autores os impressos foram considerados as primeiras mídias de massa que popularizaram medicamentos como o Bromil e A saúde da Mulher. Trazendo figuras coloridas e chamativas, apelando para pequenas histórias em quadrinhos para contar as benesses de seu tônico, o almanaque d' A saúde da mulher se destacou no meio publicitário pelo seu aspecto atraente.

Foi o almanaque da saúde da mulher um dos almanaques de maior tiragem no país chegando a alcançar cerca um milhão e quinhentas mil tiragens no auge de sua popularidade. Teve as suas primeiras publicações datadas nos anos de 1906 e encerrando-as em 1974. Quase 70 anos de história marcam este periódico que tanta relevância teve não só na história da publicidade, mas na da saúde e da cultura do país neste período histórico. Editado pelo laboratório Daudt² o almanaque tinha como principal objetivo de popularizar seu principal tônico “A saúde da mulher” que tinha como função acabar com os males do corpo feminino fragilizado por inúmeras doenças já presentes em seu biológico. Além da propaganda do remédio a saúde da mulher, outros medicamentos do mesmo laboratório eram apresentados no almanaque como o Brohmil que tinha por finalidade acabar com o desconforto das tosses indesejadas.

Em sua estrutura o almanaque segue o padrão dos demais, apresentava a contagem do tempo elencando as datas mais importantes para a nação em cada mês, assim como trazia o horóscopo de cada signo. Outros conteúdos eram bastante comuns, como histórias que continham curiosidades sobre determinado tema, inclusive sobre a própria criação do almanaque, sátiras e piadas também eram muito comuns no periódico. Em suas edições da década de 1920 o periódico trazia algumas considerações de leitores e leitoras a respeito do tônico e sua eficácia, entretanto tais considerações deixam de se fazer presente nos almanaques da década de 1930. Não podemos deixar de mencionar que o almanaque d' A saúde da mulher tinha como seu público alvo o feminino, portanto, tinha grande parte do seu conteúdo destinado às mulheres, ou para o ideal desejável de mulher para o período, é com

² O laboratório, considerado o primeiro do País, foi fundado em 1882 pelo recém formado, no momento, do curso de Farmácia João Daudt Filho, em Santa Maria (RS), em 1983 a sede do laboratório foi transferida para Porto Alegre. Foi no início do século XX a criação de uma sede do laboratório no Rio de Janeiro, onde, de lá saíram remédios popularmente conhecidos como, A Saúde da Mulher, Bromil, a pasta dental Odol etc.. É nesta nova fase de empreendimento que o investimento da publicidade de seus remédios que o laboratório inova e contribui na história da publicidade brasileira.

base nesse ideal e em sua construção que analisaremos nos capítulos seguintes o almanaque d' A saúde da mulher.

Desse modo, compreendemos que a partir de todos os aspectos apontados os almanaques de farmácia mostram-se como uma importante fonte para se pensar variados aspectos do país e, por seu grande tempo de circulação, em variadas décadas. Assim, é importante abordar como os almanaques de farmácia vêm sendo abordados em trabalhos acadêmicos para, desta forma apontarmos nossos encaminhamentos teóricos e metodológicos.

2.2 Almanagues de farmácia na produção acadêmica brasileira:

Se, como aponta Tânia Regina de Luca (2008), a imprensa demorou a ser percebida enquanto fonte importante para a historiografia, não foram todas as fontes impressas que ganharam destaque logo na década de 1970, algumas demoraram um pouco mais para se destacarem como fonte importante para o trabalho acadêmico. Dentre essas fontes, podemos destacar os almanaques de farmácia que tardaram- em comparação aos outros tipos de impressos- para serem alvo de trabalhos na academia. Na história a demora ainda é maior, e apenas trabalhos bem recentes vêm destacando desde o final da década de 1990 do século XX o uso de almanaques de farmácia no fazer historiográfico.

Entretanto, podemos destacar a década de 1990 como uma data consideravelmente importante no uso dos almanaques em trabalhos acadêmicos das mais diversas áreas. Destacamos aqui três trabalhos que podem ser considerados impulsionadores no uso dos almanaques dentro de produções universitárias, entre eles estão a tese de doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro escrito por Vera Casa-Nova e intitulado: "Lições de almanaque um estudo semiótico". O ano de 1999 parece ter sido frutífero nas produções que apresentam os almanaques e os almanaques de farmácia como fontes principais, neste ano tivemos outro trabalho também transformado em livro produzido sobre os almanaques, destaco outra tese de doutorado agora em Educação pela Universidade estadual de Campinas escrita por Margareth Brandini Park. Foi em 1999 também que aconteceu exposição ocorrida na Unicamp e na Fundação Memorial da América Latina sobre tais impressos, resultando em um livro organizado por Malyse Meyer contendo reproduções de variados almanaques e almanaques de farmácia do Brasil.

Visto pelo pioneirismo de tais obras em abordarem almanaques e os almanaques de farmácia, além de sua maior circulação posto que todos foram transformados em livros, procuramos neste tópico analisar cada obra dessa apontando sua significação e contribuição,

visando apontar nossa aproximação ou distanciamento frente tais livros. Consideramos tal reflexão significativa, pois destacaremos nossa aproximação ou não frente a esses trabalhos e esclarecemos melhor nosso lugar teórico-metodológico.

Além de uma pequena apresentação dessas três obras, também visamos discutir alguns trabalhos recentes apresentados em congressos que abordam os almanaques, mais precisamente os de farmácia, destacando quais reflexões em torno esta fonte estão sendo realizadas nas diversas áreas de conhecimento do meio acadêmico.

Um trabalho extremamente significativo que deve ser mencionado é o livro de Vera Casa Nova “Lições de Almanaque: um estudo semiótico” este escrito fruto de sua tese de doutorado visa analisar dois almanaques, entre as décadas de 1920 e 1950. Os almanaques analisados são Biotônico Fontoura e A Saúde da mulher. A partir das fundamentações teóricas de autores ligados à semiótica- como sugere o título do livro, a autora busca analisar os periódicos fundamentando-se metodologicamente na perspectiva da análise do discurso de Althusser, levando em consideração conceitos como ideologia, classe dominante e dominada a autora empreende o seu trabalho.

Nesta obra Casa-Nova visa analisar os almanaques e suas implicações na manutenção e propagação do pensamento da classe burguesa (CASA-NOVA, 1996) buscando compreender a influência dos periódicos na difusão dessa ideologia que visaria o controle das classes menos abastadas da sociedade. Assim, a autora parte iniciando a obra com uma análise da estrutura básica dos impressos, e sua relação com o tempo, com a morte e vai até as representações do homem e da mulher nos periódicos até uma análise do pensamento positivista extremamente presente.

A análise de Vera Casa Nova destaca-se como importante, sobretudo por ser uma das pioneiras que toma como objeto de pesquisa os almanaques, principalmente o A saúde da Mulher, voltando os olhos para a importância de tal periódico enquanto objeto importante para a análise. Entretanto, algumas ressalvas podem ser feitas ao seu trabalho, primeiro, embora aborde questões relativas à questão de gênero (o lugar da mulher na sociedade, sua ligação com a maternidade) esta problemática não se faz central em sua análise, inclusive a autora não faz uso de um conceito de gênero. O gênero aparece em ligação aos aparelhos ideológicos do Estado, pela ligação da autora à teoria de Althusser e sua reprodução e legitimação de uma ordem burguesa que o almanaque se encarregaria.

Embora interpelados por fatores econômicos, as questões de gênero não devem ser reduzidas a tal dimensão social especialmente por inserir questões de ordem específicas como as diferenças construídas cultural e socialmente, para além da economia, as quais a abordagem marxista deixa de levar em consideração como aponta Joan Scott (1995) ao discutir sobre as abordagens marxistas e o conceito de gênero, a historiadora argumenta que a classe e as questões econômicas são sempre colocadas em primeiro plano, enquanto que outras temáticas como o conceito de gênero são secundarizados por estes/estas pensadores/as. Como procuramos fazer do gênero um dos temas centrais do nosso trabalho, procuramos analisá-lo sem deixar de apontar, claro, fatores de ordem política e econômica, mas também sem fazê-los como centro da nossa pesquisa.

Outro fator que diferimos da abordagem da autora será em relação à concepção de poder. Dentro do livro identificamos a colocação do Estado enquanto lugar central onde o poder se exerce, muitas vezes de forma violenta. Nos aproximamos da perspectiva desenvolvida por Michel Foucault em torno do poder, levando-se em conta que este não possui um centro e sim está presente em todo o meio social como uma teia (FOUCAULT, 2015), assim também como procuramos pensá-lo em sua positividade, ou seja, sua ligação com a produção de um saber, dentro desta ligação entre saber e poder compreendemos o discurso do almanaque enquanto lugar sobre o qual o poder está imbricado, sobretudo na construção de sujeitos.

Outro trabalho em torno dos almanaques que se faz bastante considerável a menção é o de Margareth Brandini Park intitulado: “História e leituras de almanaques no Brasil” que aborda as práticas de leitura dos almanaques. Utilizando-se de almanaques de quatro laboratórios distintos, sendo eles o Laboratório Granada, Biotônico Fontoura, Almanaque IZA e o almanaque Renascim Sadol, a partir destes almanaques a autora visa estudar as práticas de leituras dos leitores e leitoras destes periódicos e abordar as práticas ordinárias, dentro da perspectiva de Michel De Certeau, dessas leituras. Um ponto expressivo de seu trabalho é o levantamento que autora faz da chegada e difusão dos almanaques no país, além de uma incessante pesquisa em torno da tiragem e da distribuição dos almanaques estudados em nível nacional. Dentro da análise dos periódicos as cartas de leitores se fazem, dentro da pesquisa de Park revelador, sobretudo na recepção positiva e negativa que os impressos teriam frente a leitores e leitoras. Outro grande mérito de sua pesquisa relaciona-se ao

levantamento que a autora faz um incessante mapeamento destes periódicos possibilitando que outros/as pesquisadores/as tenham acesso às fontes.

O trabalho de Park merece destaque, pois, assim como o de Vera Casa-Nova, apresentou-se como pioneiro em colocar os almanaques de farmácia como fonte principal de seu trabalho, a importância deste trabalho é reconhecida por Roger Chartier na introdução do livro de Park ao salientar a contribuição deste escrito para o estudo das práticas de leitura no Brasil.

Alguns distanciamentos são visíveis em relação à pesquisa de Margareth Brandini Park e a pesquisa que estamos realizando, tanto metodológicas quanto teóricas, pois não utilizamos uma abordagem semelhante à empreendida pela autora, como por exemplo, nosso objetivo não são as práticas de leitura dentro dos almanaques nem utilizaremos de fontes orais no presente trabalho. Entretanto, o incessante levantamento tanto de fontes como de datas e espaços de distribuições dos periódicos nos fornecem dados consideráveis para o encaminhamento de nossa pesquisa.

O livro organizado por Malyse Meyer intitulado “Do almanaque aos almanaques” foi fruto, como já mencionado, do “Colóquio internacional Os almanaques populares: da Europa às Américas – Gênero, Circulação e Relação Interculturais”, que foi realizado na Unicamp e na Fundação Memorial da América Latina, em outubro de 1999. Como o próprio nome mostra o colóquio que organizou uma grande exposição com os mais diversos almanaques do Brasil contou com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, possibilitando uma ponte de troca de conhecimentos considerável sobre este tipo de fonte.

Não só envolveu o intercâmbio entre universidades de outros países e do Brasil, mas possibilitou o diálogo entre universidades nacionais, tendo o foco principal os almanaques. Universidades como a Federal do Ceará e a Federal do Pernambuco contribuíram para a exposição, juntamente com a Unicamp. Este diálogo entre diversos/as pesquisadores/as do meio acadêmico brasileiro e internacional resultaram em uma exposição contendo um grande número de almanaques e almanaques de farmácia grandiosa como a relevância desse tipo de impresso no país.

O livro organizado por Meyer não tem como objetivo trazer análises ou produções acadêmicas sobre os almanaques, mas visa divulgar um pouco do que foi a exposição realizada em 1999. Assim, traz alguns pequenos textos, curtos e precisos sobre os almanaques gerais e segue com reproduções, em qualidade excelente, deve-se frisar, de alguns almanaques

bastante conhecidos no país. A segunda parte que trata dos almanaques de farmácia segue a mesma lógica da primeira, apresenta alguns textos curtos, neste caso um pequeno resumo dos trabalhos de Vera Casa-Nova e Margareth Brandini Park, já mencionados aqui, e segue as reproduções de alguns dos mais famosos almanaques de farmácia, inclusive o d' A saúde da mulher.

A iniciativa do trabalho mostra-se significativamente interessante e resgata boa parte de uma memória e uma fonte, como já falado, pouco abordadas no país. O livro nos possibilita ter um pequeno acesso ao imenso número de almanaques que já circularam pelo Brasil e que tanto marcaram gerações. Porém, no livro não encontramos uma análise dos almanaques, seu objetivo não é esse. Visa, na verdade, resgatar um pouco dessa história através de reproduções. Mesmo não dando uma abordagem na forma de perceber os almanaques, o livro organizado por Marlyse Meyer possibilita que as pessoas tenham algum tipo de contato com a fonte e mostre, eventualmente, interesse em analisá-la. Além disso, devemos destacar que os pequenos textos que aparecem no livro servem para nos situar o que são os almanaques, de onde vieram e como foram pensados e produzidos seu tipo mais popular no Brasil, o almanaque de farmácia. Portanto, mostra-se como um grande contribuinte na divulgação desta fonte.

Como já mencionado, estes três trabalhos que denotam os almanaques de farmácia como fonte principal e destacam a riqueza dessas fontes e encaminham para possíveis análises sejam elas concordantes ou não. Portanto, são obras que devem ser lidas, consideradas e devem partir como princípio de pesquisa para aqueles/as que têm interesse em trabalhar essas fontes. Mesmo que nossa maneira de ver o almanaque d' A saúde da mulher se afaste destas abordagens, sem elas não nos seria possível um conhecimento aprofundado do que é esta fonte, como se apresenta sua estrutura básica e como ela foi modificada historicamente.

Recentemente, uma nova gama de trabalhos apresentados em congressos de nível acadêmico contando com pesquisadores da graduação e da pós-graduação, vem colocando os mais diversos tipos de almanaques no cerne de suas produções. São artigos que embora espalhados pelo país, destacam outras abordagens possíveis para essas fontes. Como é o caso de dois artigos que chamam bastante atenção por trazerem os almanaques e seu modo de análise na reflexão, é o caso do escrito “Dos almanaques aos almanaques de farmácia: características, configuração e utilização como veículo de informação.” De Caroline de Lara (2015) e “Almanaques: história, contribuições e esquecimento” de Patrícia Trizotti (2008).

Ambos trabalhos destacam a importância dos almanaques como fontes para pensar o contexto histórico brasileiro, o de Trizotti problematiza o pouco uso desses periódicos nas produções acadêmicas, como aponta esta autora:

Todavia, no Brasil, os almanaques não receberam ainda a devida atenção que merecem. As réplicas para tal negligência por parte dos pesquisadores de imprensa é o fato de que muitos deles são obras de difícil acesso, raros e efêmeros. A historiadora Ana Maria de Almeida Camargo levantou a idéia que a maioria deles permanece ainda no anonimato, esperando algum instrumento de pesquisa que possa identificá-los e mostrar a relevância de seu conteúdo e materialidade. (TRIZOTTI, 2008, p. 311).

Como aponta a autora supracitada, ainda não foi dada a devida atenção aos almanaques por variados fatores que incluem, principalmente, a falta de acesso a essas fontes e sua raridade. Tais fatores justificam a falta de mais trabalhos que tenham o almanaque como fonte principal, porém, dentro da história tal lacuna parece ser mais profunda. Dos três livros que apresentamos apenas um, “Do almanaque aos almanaques”, teve alguma contribuição de historiadores/as. Não queremos, apontando esses fatores, colocar que os almanaques são unicamente fontes históricas, mas que faltou, durante muito tempo, a alguns historiadores perceber a possibilidade de se pensar a história por meio dos almanaques de farmácia.

Essa situação parece modificar-se cada vez mais, uma rápida pesquisada na internet sobre os almanaques de farmácia, percebemos como os trabalhos em história que trazem essa fonte vêm crescendo, principalmente nos programas de pós-graduação em história no século XXI. Os/as historiadores/as abriram os olhos para perceber a riqueza que tal fonte apresenta principalmente para se pensar a saúde da população brasileira no século XX, como foi a articulação destes periódicos e o conhecimento médico do período em que ter uma população saudável apresentava-se como um dos focos principais dos governos, podemos ter acesso à prática de projetos para promover tal saúde em ampla escala no meio social, temos acesso à cultura da época, ao conhecimento, aos modos de pensar e fazer a saúde.

Um exemplo é o trabalho desenvolvido em alguns trabalhos por Caroline de Lara (2014), (2016) percebendo como os almanaques foram meios importantes para a difusão de um ideal sanitário no meio social e o caráter pedagógico que esses periódicos assumem na procura de uma higienização do corpo social. No almanaque d’ A saúde da mulher encontramos também a preocupação em higienizar este mesmo corpo social, entretanto, o alvo principal desse periódico é o público feminino. Conhecer mais profundamente o periódico é fundamental.

1.3 O almanaque d' A saúde da mulher e a construção da feminilidade

O almanaque d' A saúde da mulher tem como conteúdo as curiosidades, o horóscopo, as datas importantes da nação, calendário agrícola etc., mas seu conteúdo e objetivo principal é a propaganda do tônico A saúde da mulher, que visa, como no nome sugere, melhorar a vida do público feminino através da saúde. Devemos levar em consideração que desde meados do século XIX a saúde aparece, dentro das sociedades ocidentais como uma das principais metas a ser alcançada. Nesta busca incessante pela vida saudável na qual o ocidente se insere a saúde do corpo feminino adquiriu um caráter bastante singular.

Fabíola Rohden (2001), nos mostra como foi no mundo, e no Brasil, o desenvolvimento de um saber científico que tomou o corpo da mulher como seu objeto primeiro. Segundo esta autora até meados do século XVIII a biologia do corpo feminino não encontrava-se separada do masculino, ambos eram pensados enquanto um corpo só, sem especificidades biológicas, mas, no caso da mulher, os órgãos genitais eram invertidos na direção interna enquanto no corpo masculino os genitais eram expostos externamente, não havia, na medicina a preocupação de desenvolver áreas específicas e diferenciadas de conhecimento para ambos os corpos.

É, sobretudo no século XIX, que o pensamento médico muda em relação ao estudo e ao cuidado dos corpos humanos, é neste século que uma drástica separação entre o corpo masculino e feminino é feita. Agora, não são mais pensados como corpos iguais que apenas invertem a posição dos órgãos sexuais, com o advento e desenvolvimento da ginecologia o corpo feminino vai ser diferenciado do masculino e estudado dentro de sua organização física específica e diferenciada.

Não só diferenciada será a constituição do corpo da mulher, mas também patologizada (ROHDEN, 2001), visto que o útero, segundo a medicina dos séculos XIX e XX, seria um possível causador de grandes males no funcionamento do corpo. Diante de tamanha fragilidade, o corpo feminino seria um dos principais alvos da medicina no século XIX e início do século XX. É necessário levarmos em conta que o que encontramos dentro da história da medicina sobre o corpo feminino é uma quebra do que o conhecimento até o século XVIII colocava como verdade sobre este mesmo corpo. Rupturas como estas foram colocadas em pauta por Michel Foucault(1982) dentro dos estudos históricos, segundo este autor, a história não se dá apenas por continuidades de longa duração, tranquila e

vagarosamente mudada, mas sim por meio de embates, começos e, sobretudo, descontinuidades, como aponta o filósofo: “A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser” (FOUCAULT, 1982, p.27).

Desta forma, os conceitos colocados por Michel Foucault, assim como sua forma de conceber a História, apontam e coincidem com a nossa concepção que visa salientar como o corpo feminino foi construído em torno da verdade absoluta colocada pela medicina, tal como nos é importante estudar as diversas formas que tal construção aparece no almanaque, suas estratégias para inserir o feminino em determinados lugares e não outros.

É pertinente levar também em consideração que tal descontinuidade não é por acaso, não é um simples “avanço” da medicina, mas sim um fruto das condições de possibilidade que fizeram com que o pensamento médico sobre a fisiologia feminina fosse alterado, é relevante ponderarmos que o corpo feminino passa a ser nomeado, explicado e estudado por um conhecimento que colocava-se a si mesmo como neutro e verdadeiro, apenas isto já é um aspecto importante que já deve ser problematizado. Logo, o atestado de biologia falha e defeituosa, dado ao corpo feminino não deixava dúvidas de sua veracidade, pois como era a medicina que proclamava tais verdades, não era passível de dúvida. Esta mudança para uma patologização do corpo feminino servirá a objetivos próprios que visaram, sobretudo, o controle deste corpo. Para compreendermos toda a situação é necessário estamos cientes do contexto histórico em que o desenvolvimento de áreas específicas da medicina sobre o corpo feminino floresceu.

Desde o século XIX é a ciência e, dentro desta, a medicina, ditará as regras do regime de verdade que se instaurará no ocidente. É nesta forma de conhecimento, e somente nela, que a veracidade será atestada, portanto não devemos nos espantar quando as mulheres foram enquadradas como naturalmente doentes, fracas, débeis etc. essa constatação logo foi colocada e seguida como um dado da realidade e da biologia do corpo feminino:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1931, p. 35)

Na imagem é possível observar todas as fases da vida de uma mulher, desde a infância até as idades mais avançadas, esta é uma tática frequentemente usada pelo periódico, como veremos mais adiante, mostrar como o tônico é eficaz e imprescindível durante toda a trajetória feminina, portanto, deve ser usado durante toda a vida, como aponta a imagem. As fases também estão dispostas hierarquicamente, se observamos bem, sendo a fase mais “avançada” ou mais importante da vida feminina a maternidade. Olhando atentamente vemos mesmo que a mulher que está com a criança no colo não está acima das outras, nem na posição mais elevada, mas a criança que ela carrega está.

Ao analisarmos bem o contexto de produção da imagem é possível perceber que a colocação de uma criança no patamar mais elevado não é em vão, as preocupações que aparecem desde o século XIX e atravessam o século XX em relação à saúde das populações tomam a criança como fator primordial deste cuidado com a saúde, já que esta representa o futuro da nação (ROHDEN, 2003). Portanto, a intervenção feita no corpo feminino e nas

crianças por meio da medicina, no qual o almanaque representa bem liga-se a estruturação deste saber e ao ideal difundido que a mãe era a principal encarregada do cuidado destas crianças, como nos mostra Rago (2014):

Se, até o final do século XVIII, a medicina não se interessava particularmente pela infância nem pelas mulheres, o século XIX assiste à ascensão da figura do 'reizinho da família' e da 'rainha do lar', cercados pelas lentes dos especialistas deslumbrados diante do desconhecido universo infantil e do território inexplorado da sexualidade feminina. (RAGO, 2014, p. 156-157)

Como aponta a historiadora, tanto as crianças quanto as mulheres vão ser os alvos principais do saber médico para melhorar a saúde das populações, desta forma, por ligar-se estreitamente a este saber o almanaque apresenta-se desempenhando uma função pedagógica ao demonstrar em suas imagens de como a maternidade é significativa na vida de uma mulher, a ponto de estar na posição mais elevada de sua trajetória da vida. Desta forma, percebemos que o almanaque de farmácia apresenta complexidades significativas que vão além de apenas propagar um tônico de forma desinteressada. Pelo contrário, interesses explícitos bastante orquestrados que visavam, como abordaremos mais adiante, tentativas de gerir a vida das populações.

Neste sentido, o almanaque d' A saúde da mulher é fruto de seu contexto histórico e principalmente das condições de possibilidade deste mesmo contexto. Traz, como os outros almanaques, questões relativas ao tempo e ao calendário, assim como curiosidades e anedotas, mas seu ponto principal é a divulgação do tônico que era capaz de aliviar e também curar o mal estar das senhoras, fruto de sua biologia falha. Portanto, apoia-se numa verdade para legitimar a sua própria, era necessário estar dentro do verdadeiro, como nos aponta Foucault (2014), para ser possível se dizer o que foi dito no periódico sobre o corpo feminino.

Portanto, compreendemos que não só o almanaque d' A saúde da mulher, mas assim como os outros³ se apresentam para pesquisadores/as como uma fonte ímpar para compreender uma parte significativa da história da saúde no Brasil e, sobretudo, sua popularização no corpo social.

No capítulo seguinte nos aprofundaremos na análise deste periódico, principalmente das imagens das propagandas do tônico a saúde da mulher, visando mostrar como a

³ Outros almanaques podem ser igualmente alvo de pesquisas como o Almanaque Renascim, o almanaque Biotônico, almanaque Capivarol entre outros que também tinham o objetivo de fazer a propaganda de remédios, tônicos e elixires.

fragilidade do corpo feminino aparece no almanaque e como este relaciona-se e dialoga com a medicina da época para legitimar sua própria verdade. Do mesmo modo que, procuraremos articular a patologização do corpo feminino realizada no almanaque ao lugar no qual a mulher deveria e poderia ocupar naquela sociedade. Ambos estão estreitamente ligados, pois ao construir a biologia feminina como patológica o periódico delimita seus lugares e suas capacidades no meio social.

3. Capítulo II: Saúde e biopoder no almanaque d' A saúde da mulher

A genealogia como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado pela história e a história arruinando o corpo.

(Michel Foucault)

Pensar o corpo historicamente construído faz-se por meio da investigação e da compreensão dos saberes e poderes que o perpassam e constituem. Neste sentido, a obra do filósofo francês supracitado nos dá subsídio para tamanha tarefa que visa desmistificar verdades absolutas que por possuírem o atestado de cientificidade que tanto marcaram as estratégias de controle e disciplinamento no mundo ocidental. Dentre esses saberes devemos dar um destaque considerável à medicina do final século XIX e, sobretudo, da primeira metade do século XX, pois foi este meio científico de conhecimento que teve o direito não só de falar sobre o corpo como também obteve o principal direito de intervenção sobre o mesmo. Sendo a medicina o lugar privilegiado de fala sobre o corpo (FOUCAULT, 1982), àqueles que quisessem ter validado o seu discurso sobre tudo que tivesse respeito à constituição física humana teria que seguir suas regras para ocupar a posição de sujeito que emite um conhecimento verdadeiro sobre o corpo humano.

Se no século XIX as principais doenças¹ que atestariam a fraqueza do organismo humano foram diagnosticadas, é no século XX que seu combate sem freios será justificado em nome da saúde e da longevidade de uma nação. Porém, os limites do conhecimento médico não são determinados apenas no campo das patologias humanas, pelo contrário, sua atenção passou a ser mais do que curar as pessoas que já estavam doentes, mas prevenir que a doença apareça no organismo, disso resulta uma maior intervenção de médicos na vida cotidiana da

¹ Variola, cólera, poleiomelite, tuberculose entre outras, são doenças que paulatinamente foram se tornando menos comum conforme a medicina avançava.

humanidade com a justificativa da prevenção aos males que poderiam afetar a saúde. Dos atos mais ínfimos do cotidiano aos mais importantes, a medicina encontrava-se ali como guia para uma vida mais saudável “Se a palavra-chave do século XVIII era a felicidade, e a do século XIX a liberdade, pode-se dizer que a do século XX é a saúde” (MOULIN, 2008, p.18).

Mas é necessário considerar que talvez a medicina não alcançasse este destaque tão grande sem a elaboração de um dos principais problemas que afligiram as sociedades ocidentais no século XIX: a doença como problema político e econômico (FOUCAULT, 1982), pois a doença não se constituía como uma ameaça apenas ao indivíduo, mas a todo o corpo social e sua população. Garantir a saúde da população era garantir a saúde de toda a nação e, conseqüentemente, do Estado e caberia ao médico esta tarefa árdua, adquirindo, por isso, este lugar privilegiado na sociedade ocidental paulatinamente desde o século XVIII:

O médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em um permanente estado de saúde. E é sua função de higienista, mais que seus prestígios de terapeuta, que lhe assegura esta posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente no século XIX. (FOUCAULT, 1982, p.203)

É encarregando-se de tamanha tarefa, manter a população saudável, que o médico adquire o prestígio no ocidente sendo capaz de intervir na vida social das pessoas em nome da vitalidade da nação. Se desde o século XVIII este prestígio e o poder para intervir na sociedade que o médico adquire, é no século XX que observamos seu ápice com a medicina preventiva. Como aponta Anne Marie Moulin (2008) cada pessoa é um doente em potencial no século XX e, por isso, deve estar sempre se submetendo aos cuidados médicos, para exames de rotina, consultas, check up etc., pois nunca se sabe quando a doença pode atacar e quanto mais cedo o mal for descoberto, mais cedo a saúde, assim como suas implicações como a felicidade e a beleza, será restaurada. Desta forma, a sociedade ocidental do século XX esteve sempre sob o olhar vigilante e preventivo da medicina e em nome dela algumas liberdades individuais foram retiradas

2.

² É o caso da vacinação obrigatória que atingiu alguns países ocidentais, inclusive o Brasil.

3.1 – As demandas de uma saúde da Mulher e a apreensão do corpo feminino pela medicina

No capítulo anterior mostramos um pouco de como havia se estabelecido a relação entre o corpo feminino e a medicina desde o século XVIII, buscamos chamar a atenção para o rompimento entre uma medicina que vai até a primeira metade deste século que colocava homens e mulheres sobre os mesmos parâmetros fisiológicos, analisando os corpos como iguais onde, até então, se o corpo feminino era diferente do masculino não seria por ter uma constituição biológica desigual, mas sim porque a mulher seria um homem com defeito e mal desenvolvido, mas não exatamente um segundo sexo diferente do corpo masculino (LAQUEUR, 2001). Haveria, até aquele momento, um corpo humano só, mas um (o masculino) seria mais bem desenvolvido e forte, enquanto o outro (o feminino) seria mal desenvolvido e, portanto, mais fraco. Como nos mostra Thomar Laqueur (2001) é após a segunda metade do século XVIII que as diferenças serão acentuadas e os corpos feminino e masculino são colocados como totalmente díspares, opostos, inclusive:

Não só os sexos são diferentes, como são diferentes em todo aspecto concebível do corpo e da alma, em todo aspecto físico e moral. Para o médico ou o naturalista, a relação da mulher para o homem é ‘uma série de oposições e contrastes’. Em lugar disso, em certas situações, lampejos da imaginação moderna com uma insistência quase que perversa da compreensão das diferenças sexuais como uma questão de grau, gradações de um tipo básico masculino, houve um clamor para articular distinções corporais exaras. Os médicos diziam ser capazes de identificar ‘os aspectos essenciais que pertencem a ela, que servem para distingui-la, que fazem com que ela seja o que é’ (LAQUEUR, 2001, p. 17)

Como aponta o historiador, os médicos do final no século XVIII e durante todo o século XIX, buscaram apontar como os corpos masculino e feminino eram completamente opostos entre si, busca esta que não é encontrada nos séculos anteriores desde os gregos visto que o que era vigente seria o modelo do sexo único onde o corpo feminino é apenas o inverso do masculino e não o seu oposto, mas inferior a ele, pois é imperfeito. No modelo do sexo único descrito por Laqueur o que estava em jogo era a hierarquia na qual os corpos estavam dispostos, por ter suas partes sexuais voltadas para dentro e não para fora como os homens, as mulheres eram consideradas menos desenvolvidas, mas isso não as fazia o oposto dos homens, eram consideradas abaixo deles na escala da perfeição metafísica. Laqueur conclui, portanto, que a diferenciação biológica dos órgãos sexuais masculino e feminino é uma criação da moderna ciência do final do século XVIII, argumentando, pois, que tais diferenças

consideradas verdades inquestionáveis que sempre existiram, foram na verdade criadas dentro dos saberes científicos, sobretudo, médico.

Para além desta diferenciação, é ímpar perceber que após o século XVIII e, principalmente, no século XIX o corpo feminino será amplamente estudado pela medicina, porém, o contrário não acontece, o sistema biológico reprodutor masculino não é alvo da mesma atenção que o feminino passa a ter (ROHDEN, 2001). Dessa diferenciação do corpo feminino duas áreas da medicina são desenvolvidas para estudar sua fisiologia própria, são elas a obstetrícia que se dedicava a estudar a geração e o parto e a ginecologia, que ganha maior destaque, pois estuda amplamente a mulher. Ambas as áreas do conhecimento serviram para “diagnosticar” o corpo feminino. Se antes ser homem ou mulher estava ligado apenas a determinados lugares sociais que estes desempenhavam na sociedade, com a criação de uma medicina voltada apenas para as mulheres, não era somente no social que as diferenças estavam estabelecidas, mas passam a ser de ordem anatômica e estudadas pela medicina.

Entre as duas especialidades que visaram o estudo do corpo feminino a ginecologia merece destaque maior, como já dito, esta área se ocupará do estudo ampliado do corpo das mulheres, não se prendendo apenas ao parto, como é o caso da obstetrícia. É dentro da ginecologia que os “grandes perigos” do corpo feminino foram identificados. Não só diferente do homem, mas também dona de uma fisiologia patológica por natureza seria a mulher. Patologia e natureza, eis o que determina uma mulher sob o olhar da medicina do século XIX. Estaria no útero à causa das principais perturbações que poderiam atingir às meninas, mulheres e senhoras, em qualquer parte da vida, a mulher é reduzida ao seu sexo (FOUCAULT, 1982).

No Brasil o desenvolvimento da ginecologia logo ganha um espaço privilegiado na recém-desenvolvida medicina do século XIX ganhando destaque nas reuniões das sociedades médicas do período e tendo cada vez mais atenção nas aulas das faculdades médicas brasileiras (ROHDEN, 2001). Essa preocupação de crescimento gradual com a anatomia feminina, ocorreu graças as trocas de ideias e influências de médicos estrangeiros que trouxeram o conhecimento da ginecologia e da obstetrícia para o Brasil. Se antes eram as parteiras que se recorria sempre que houvesse um problema de saúde relacionado ao corpo feminino, após o século XIX é o médico que ocupará esse lugar de tratar este corpo e de cuidar de tudo o que estiver relacionado ao mesmo. Mas antes de trata-lo, podemos observar como construir este corpo enquanto fraco, débil e doente é fundamental para a medicina.

3.2 – “O sexo frágil” o feminino no almanaque d’ A saúde da mulher

Desse modo, é dentro deste quadro em que o prestígio da medicina ocidental torna-se inquestionável e a patologização que este saber faz da anatomia feminina também o é, que é possível compreender o tônico A saúde da mulher e o almanaque que faz sua propaganda:



(Almanaque d’ A saúde da mulher, 1933, p. 2)

Na imagem apresentada acima, podemos observar uma mulher de feições abatidas que procura ajuda e é amparada por outra. Enquanto o aspecto da mulher que tenta reerguer-se aparenta ser doentio, frágil e debilitado, o rosto da que a auxilia a levantar-se está radiante com um grande sorriso estampado no rosto, como se ficasse grata por ser tão útil para a companheira. Ambas as mulheres estão vestidas com trajes que não remetem a época em que a imagem é retratada (década de 1930 do século XX), mas que nos lembram das roupas usadas na época clássica, na Grécia antiga, também as duas encontram-se descalças. Por cima das duas uma faixa desenrola-se com o seguinte dizer: “O santo remédio das senhoras” que é

complementado com a frase abaixo da situação: “A saúde da mulher o amparo poderoso do sexo frágil”.

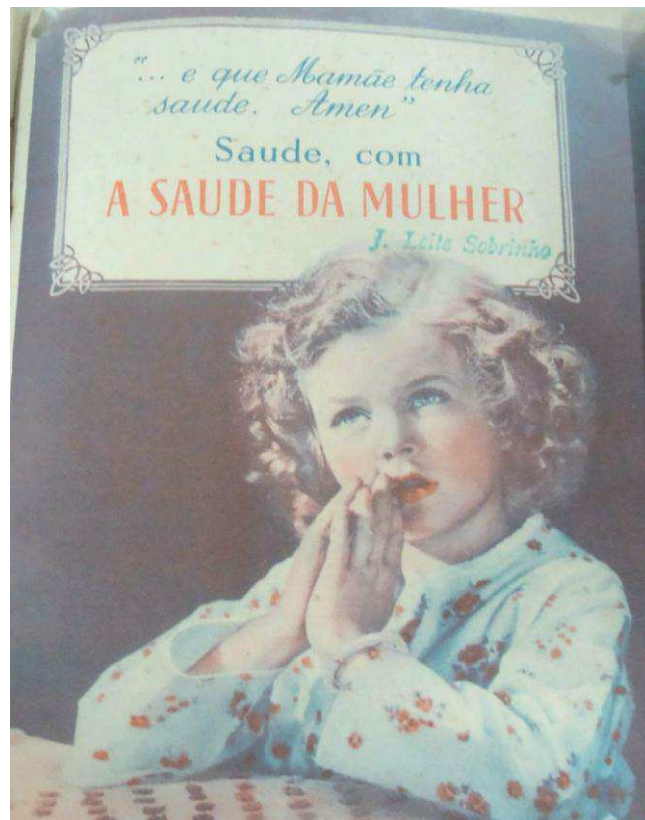
Como nos sugere Maria do Rosário Gregolin (2011) na análise das imagens enquanto enunciados que parte da perspectiva pensada por Jean Jacques Courtine em todo o conjunto de sua obra e que foi influenciado pelas reflexões realizadas por Michel Foucault em *Arqueologia do saber* (2008), para compreender o sentido das imagens não deve-se deixar de lado as palavras que a acompanham, pois imagens e palavras se complementam no sentido. Logo, percebemos após observarmos o todo da imagem e analisando o enunciado imagético e o enunciado verbal juntos, percebemos que a mulher que sustenta a outra e que estampa um sorriso no rosto é nada mais do que o tônico *A saúde da mulher* que tem como objetivo curar o corpo feminino dos males delegados pela natureza e que tem o prazer de cumprir a sua função, felicidade esta estampada na sua face. Como qualquer enunciado o almanaque remete a outros (FOUCAULT, 2008), neste caso, os enunciados do discurso médico. Mas para além da mera reatualização o enunciado também é o campo de transformações, embora se apoie em outros enunciados ele também pode deles se distinguir.

Encontramos tal situação no almanaque, mesmo se apoiando na ginecologia desenvolvida no século XIX que transformou o corpo feminino em frágil e patológico, ainda em voga no século XX, dele se distância no quesito da cura oferecida para este mesmo corpo. Para a medicina do século XX, era o médico que seria o único capaz de intervir nas patologias femininas e curá-la, mas, enquanto o almanaque oferece outra alternativa; as mulheres não precisam ir ao consultório para se curarem de suas doenças uterinas, isso poderia ser feito no conforto de suas casas apenas utilizando o tônico “*A saúde da mulher*”. Fragilizado é o sexo feminino, tanto na ginecologia como no almanaque, mas os amparos e curas que se oferecem são diferentes.

Ao fazer a genealogia do que chamou de Dispositivo da sexualidade em “*A vontade de saber*” Michel Foucault, no último capítulo da obra, aborda que a criação da sexualidade e a colocação do sexo em discurso estão ligados ao nascimento de um biopoder que tinha o objetivo de gerir a vida das populações (FOUCAULT, 2015). Já mencionamos que a problematização da doença como problema político e econômico foi uma das preocupações principais do século XIX e início do século XX, o biopoder veio responder a esta demanda da necessidade de um poder político gerir a vida. Este novo poder argumenta Foucault, se articula em dois polos, o primeiro respalda-se nas disciplinas para maximizar o uso do

indivíduo, tornando-os o mais produtivos possível. O segundo polo está inserido principalmente no nível da saúde, garantir a longevidade das populações, sua qualidade de vida, um investimento sobre a vida. Daí a importância excepcional que o dispositivo da sexualidade enquanto tecnologia do biopoder adquire, pois o sexo está inserido nestes dois polos. Atua tanto nas disciplinas do corpo adestrando e potencializando o indivíduo, mas atua também na regulação das populações.

Não é por acaso que a histerização do corpo da mulher está inserida entre as quatro estratégias de dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo (FOUCAULT, 2014), patologizado e determinado pela sua constituição biológica é por meio do controle do corpo feminino que o biopoder adentrará no meio familiar como podemos perceber na imagem a seguir:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1948, p. 35)

Na propaganda supracitada podemos ver uma menina de pijamas fazendo suas orações diárias antes de ir dormir, a menina está de joelhos ao lado da cama e com as mãos postas para fazer suas rezas, mantendo o olhar focado para o alto, o lugar para onde a oração é direcionada. Nos é revelado apenas o final de suas preces que diz o seguinte: '...e que a mamãe tenha saúde, amém.', em seguida vem a propaganda do tônico: "Saúde, com a saúde

da mulher”. Um dos grandes questionamentos que podemos fazer sobre esta propaganda sem dúvidas é: qual fato leva a menina rezar pela saúde de sua mãe, mesmo que no final de suas preces diárias? Como já apontamos, a mulher será crucial para o biopoder penetrar no meio familiar, pois será ela encarregada do cuidado da saúde da família.

Pensando no corpo-espécie, o biopoder trabalha o corpo humano em seus processos biológicos, seja contabilizando os índices de mortalidade, seja procurando aumentar os índices de natalidade, ou regulando o nível de saúde da população. Para realizar tal tarefa é preciso uma intervenção na população (FOUCAULT, 2015), sua regulação e sua mudança de comportamento e gestos. Crianças e adultos são alvos do biopoder. Neste sentido, a criança que clama pela saúde da mãe, clama também pela sua e pela da população em geral, mães saudáveis educam e criam filhos/as saudáveis e toda a nação se beneficia. As mulheres, enquanto encarregadas de cuidar da família, devem se dedicar exclusivamente a tal tarefa.

Ao estudar o trabalho feminino nas fábricas entre final do século XIX e início do século XX, Margareth Rago dá destaque a um movimento peculiar que se desenvolveu no Brasil. Durante o início da industrialização brasileira o trabalho feminino foi amplamente explorado, visto que as mulheres trabalhavam o mesmo período que os homens e recebiam menos, durante a segunda década do século XX há uma degradação do trabalho feminino fora de casa por autoridades políticas e, sobretudo, médicas (RAGO, 2004).

Esse movimento ocorre em nome da honra das mulheres, mas também em nome da proteção da família brasileira que ficaria desamparada dos cuidados das mulheres que trabalhassem em turnos tão pesados nas fábricas e em outras profissões, este desprezo pelo trabalho feminino fora de casa vale tanto para as camadas mais abastadas da sociedade como para as menos, pois, uma mulher fora de casa se apresentaria um perigo para toda a nação, segundo Rago. Portanto, é por meio da maternidade e do cuidado do marido que a mulher ganha importância nos meios médicos, sua função dentro da nação é uma das mais importantes; garantir que tanto os que trabalham (os maridos) como aqueles que irão um dia trabalhar em sua constituição (os filhos), sejam saudáveis para suas desempenhar suas funções como mencionado na citação a seguir:

Os positivistas, os liberais, os médicos, a igreja, os industriais e mesmo muitos operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas, ‘incorporaram o discurso de valorização da maternidade progressivamente associado ao ideal de formação da identidade nacional. Nos anos 20 e 30 a figura da ‘mãe cívica’ passa a ser exaltada como exemplo daquela que prepara física, intelectualmente e

moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação. (RAGO, 2004, p. 592).

Como a passagem acima nos apresenta uma gama de pensadores convergia diante da ideia de que caberia as mulheres o cuidado do lar e dos filhos, pois a maternidade não era um fator meramente de ordem privado, mas pelo contrário, uma boa mãe geraria e cuidaria de indivíduos aptos para a estruturação de uma nação forte e saudável longe da degeneração e das doenças.

Não só as mulheres foram alvo das pretensões da construção de uma nação saudável, Margareth Rago (2014) aponta como a partir de uma nova forma de perceber a infância, principalmente no início do século XX, foi importante para que a própria percepção da função social da mulher na sociedade fosse modificada. A criança passa a ser o centro das atenções do saber médico que cada vez mais adentra no meio familiar, pois seriam as crianças os futuros trabalhadores que fariam a nação crescer e se desenvolver. Não é atoa que a fiscalização e o cuidados com a proteção da vida infantil sejam tão atenuadas no século XX, assim como o crescimento pela procura de condenar aqueles que ferissem, de algum modo, a vida de uma criança ³(ROHDEN, 2003)

Diante deste contexto, não nos parece mais tão surpreendente que uma criança coloque a saúde de sua mãe como algo a ser pedido em uma oração a uma divindade, pois a saúde da sua mãe é, conseqüentemente, também a sua, mesmo no final da década de 1940 as preocupações com a saúde da nação e dos indivíduos que a compõe, aliada a colocação da mulher como protetora da saúde desta continuam presentes. Além disso, não podemos esquecer, embora seja ao divino que a criança apela para a sua mãe ter saúde a resposta não vem daquilo que transcende, mas do conhecimento científico que estudou o corpo feminino e criou o remédio A saúde da mulher para curá-lo e garantir o bem estar da nação. É a mulher que garante o bom funcionamento da família, é inclusive por seu lugar de mãe na sociedade que a mulher ganha tanta visibilidade pela medicina (STEPAN, 2005).

É notável a influência neste periódico dos ideais eugenistas que foram consideravelmente populares dentro do meio científico brasileiro. O termo eugenia foi

³ A autora mostra como os crimes que atentavam contra as crianças como o aborto e o infanticídio foram combatidos tanto pelo saber médico por meio de discursos condenando tais crimes, quanto pela justiça através de penalidades mais severas, tudo em nome do futuro da nação.

cunhado em 1883 pelo médico inglês Francis Galton no livro *“Inquiries into human faculty and its development”* (PRIOR, 2013). Influenciado pelos escritos de Charles Darwin de quem ele era primo, sobretudo na ideia de evolução por seleção natural, Galton acreditava que a hereditariedade era regulada por leis físicas e imutáveis e, portanto não poderia ser modificado, neste quesito o médico afasta-se do pensamento de Darwin visto que este acreditava que o meio interferia na hereditariedade. A crença de que a humanidade estava cercada de degenerações que seriam passadas às futuras gerações e que estas, segundo Galton, não poderiam ser revertidas nem modificadas, daí o ideal de eugenia pensado por este de que apenas eliminando aqueles que portassem estas degenerações, ou seja, aqueles que compunham as raças inferiores, a humanidade estaria salva de todos estes males.

A historiadora norte americana Nancy Leys Stepan, ao trabalhar o desenvolvimento e a articulação da eugenia na América Latina aponta as particularidades desta ciência, que visava o aprimoramento das raças no continente e nos informa que, embora em outras partes do mundo a eugenia comece a ficar desacreditada a partir do desenvolvimento da eugenia nazista na década de 1930, foi, a partir deste período que este saber mais fincou raízes nos países latino-americanos, inclusive no Brasil, (STEPAN, 2005). A eugenia aparece, sem dúvida como um importante método de assepsia do biopoder para garantir a saúde da população (FOUCAULT, 1982).

A eugenia desenvolvida no Brasil, assim como em outros países latino-americanos teve sua singularidade muito bem estabelecida, enquanto nos países anglo-saxões o aprimoramento das raças só poderia se dar com o extermínio dos degenerados e a miscigenação era extremamente proibida e degradante para as raças consideradas superiores, na América Latina a situação era outra. Composta majoritariamente por pessoas miscigenadas, isso não impediu que as ideias eugênicas, embora com algumas diferenças, tivessem importância nestes países. Desta forma, o aprimoramento das raças adquire um caráter muito mais cultural do que biológico, podendo algumas mudanças de hábitos contribuir para o melhoramento das gerações futuras (STEPAN, 2005). Assim, as mulheres aparecem como um fator determinante para a eugenia na América Latina, especialmente por serem reduzidas a reprodutoras que geravam os indivíduos da nação, como já abordado.

A valorização da reprodução e, conseqüentemente, da maternidade criou uma situação em que o controle da natalidade não se apresentava como um fator de ordem privada- que saberia a família ou os esposos decidirem, mas de ordem pública, onde intervenções do

Estado, jurídicas e da medicina pautariam essas relações (ROHDEN, 2003). Por conseguinte, não é em vão que diversas leis que visaram condenar aquelas mulheres que abortassem ou matassem uma criança fossem tão rígidas, ou que a medicina colocasse como anormal o comportamento de tais mulheres, pois a identidade feminina foi fixada como mãe, seu natural, sua essência tudo que a constituía era voltado para a maternidade. O Estado, juntamente com o direito e a medicina trabalharam juntos para que a nação crescesse forte e livre de interferências, seja aprovando leis que punissem às mulheres que privassem de alguma forma a nação de ganhar mais um indivíduo, seja colocando a saúde feminina como uma das principais responsabilidades do Ministério da Educação e Saúde Pública do governo de Getúlio Vargas com o ministro Gustavo Capanema à frente (FONSECA, 2007).

A tentativa de fixação da identidade feminina como tendo o principal objetivo ser mãe também se dá por meio da valorização da maternidade nos mais diversificados meios de divulgação de ideias, a saber:

O que se percebe é que gradativamente a reprodução e o controle da natalidade vão se tornando temas de interesse público ao mesmo tempo em que se desenvolve uma configuração de ideias e de práticas em torno da valorização da maternidade. Esta é uma tônica geral que parece marcar tanto produções médicas acadêmicas quanto alguns eventos importantes que envolviam a participação do governo, processo que se acentua com a era Vargas. Em teses que tratam do tema do casamento até aquelas que tratam do 'trabalho industrial' e da educação feminina, identificam-se uma constante condenação, em diferentes graus, do trabalho e da vida fora de casa por parte das mulheres e uma insistência nos benefícios da maternidade. (ROHDEN, 2003, p.21).

Como apontado pela autora acima, amplamente enaltecida será a maternidade e por variadas instituições, em diversas situações, por autoridades no assunto. Todos convergem para o ponto principal: a mulher deve-se dedicar integralmente à maternidade como seu grande dever com a nação, cuidar para que a nação seja forte e saudável, assim como ela mesma deve ser, apesar de sua natureza biológica doente. Na propaganda do tônico a saúde da mulher no almanaque de 1931 podemos destacar tal aspecto:



(Fonte: A saúde da mulher, 1931, p. 15)

Na imagem é possível observar a vida de uma mulher representada em fases que vão desde a adolescência até a fase mais madura, mais precisamente dos 16 aos 45 anos. A estrutura está organizada com belos arranjos de flores e pequenos anjos que embelezam e enfeitam a paisagem, o interessante observar que o lugar onde estão colocadas as fases da vida se assemelha bastante a um pódio onde podemos observar que cada estágio da vida feminina tem um peso maior ou menor sobre os outros. Nas fases mais baixas encontramos a mulher com 16 anos, é neste ponto da vida que as diferenças sociais e biológicas entre homens e mulheres são acentuadas e ganham mais atenção, mas também é neste momento que as doenças do útero se manifestam, é uma idade que requer bastante atenção pelas mudanças sofridas no corpo.

A outra fase da vida feminina que se iguala em sua inferioridade com a adolescência é a partir dos 45 anos, conhecida, naquele momento como “idade crítica” (ROHDEN, 2001). Se a adolescência se caracteriza, na imagem, inferiorizada pela juventude, mas também pelo início das perturbações do útero, a menopausa será inferiorizada pelo contrário. É neste momento da vida que a mulher perde todas as qualidades que ela ganha com a puberdade. Nesse estágio da existência a mulher já contribuiu para a nação dando filhos saudáveis, agora não há mais o que contribuir, apenas ensinar o que já foi apreendido à sua filha. Sua contribuição reduz-se ou deixa de existir como refletido a seguir:

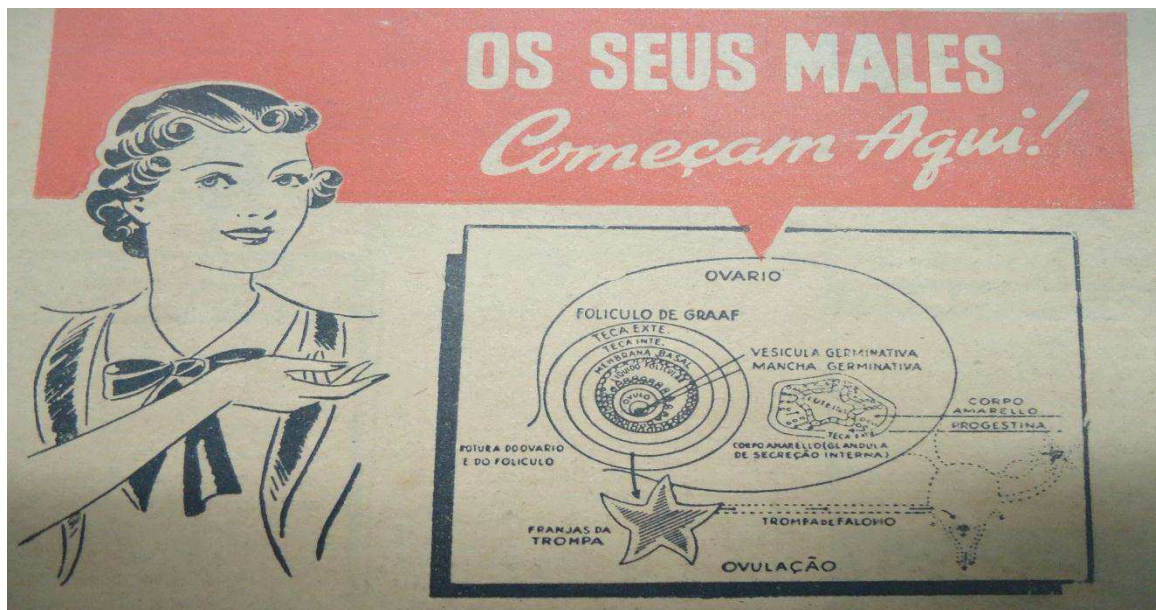
É por meio da reprodução que a mulher se distingue do homem e tem um papel na sociedade. As referências a respeito da menopausa apenas confirmam essa ideia, mostrando como aquelas que já não podem mais reproduzir se transformam em

‘divindades secundárias que ‘já não possuem adoradores.’ (ROHDEN, 2001. P. 137).

Se, segundo Fabíola Rohden, é na maternidade que a mulher se destaca socialmente, o lugar em que a fase da maternidade ocupa na imagem não nos é uma surpresa. A mãe aparece como centro da imagem e da vida da mulher. Não só o centro, mas a parte mais elevada no pódio da vida feminina mostrado na imagem. Entronada, é enquanto mãe que a mulher atinge o ápice de sua existência, nota-se que a maternidade, na imagem, é mais importante até que o casamento, se seguirmos a ideia das fases da vida colocadas em um pódio, ou seja, a maternidade sempre como prioridade da vida feminina, tanto que lhe acompanha pelo resto de sua existência

É interessante observar também que é apenas na maternidade que um anjo se aproxima da mulher, ser mãe é algo quase divino remete à tradição cristã ocidental onde da mesma forma que um anjo anuncia à Maria sua gravidez, um anjo protege às mães e seus filhos. Mas, ser mãe também algo muito terreno se verificarmos aquilo que acompanha a mulher em todas essas fases; o tônico a saúde da mulher. É ele que garante o funcionamento do corpo feminino possibilitando que a mulher passe por todas as etapas da vida perfeitamente. Mesmo com uma natureza biológica tão maléfica a ponto de perturbá-la socialmente é com o tônico como aponta o almanaque que a mulher vive e é feliz sem grandes danos à sua saúde e, principalmente, ao seu lugar social de mãe.

Mas para que suas disfunções biológicas possam ser tratadas é necessária uma compreensão por parte da mulher de sua própria patologia, ela deve ter consciência de que seu organismo pode acarretar males que não apenas a prejudicam, mas a toda a família e até à nação conhecer a fonte de suas perturbações é um “direito” que o almanaque dá a mulher para que ela mesma se trate, com o tônico oferecido pelo almanaque, claro, como demonstrado na imagem abaixo apresentada:



(Almanaque A saúde da mulher, 1940, p. 9)

Sem meio termo e para que não haja nenhuma confusão, na imagem é apresentada à mulher leitora do almanaque, por outra mulher, a fonte de tudo aquilo que a perturba, a torna frágil, enfim, tudo que atrapalha sua existência. A mulher que exhibe a razão de tantas perturbações à vida feminina estampa um grande sorriso, pois é necessário que as mulheres se conheçam para que grandes desastres causados por elas mesmas possam ser evitados. A imagem é antecedida pelo enunciado: “os seus males começam aqui!” e, apontado pela mulher sorridente nos é mostrado a estrutura do útero feminino.

Não é uma parte do útero ou um problema isolado que é apontado como as causas das doenças femininas, mas o útero por si só é todo o problema. É dele que, por natureza são causados os distúrbios das mulheres. A mulher deve ser medicada não quando as doenças se manifestam, mas deve ser medicada sempre, porque a doença faz parte de sua estrutura biológica, ela é naturalmente doente e, por isso deve ser medicalizada durante toda a vida, como a imagem anterior já deixa claro.

A natureza biológica feminina é frequentemente evocada, tanto no almanaque como nos discursos médicos do período, mas tal discussão pauta-se na ambiguidade. A naturalidade do corpo feminino nos é apresentada sobre dois eixos, ele é naturalmente patológico a ponto de interferir nos lugares naturalmente delegados pela mulher. Naturalidade boa versus naturalidade ruim é assim que é tratado o corpo feminino Natureza enquanto definidor de lugares sociais significativos e também como definidor de males, entretanto, as patologias femininas podem ser modificadas cientificamente para que elas ocupem o lugar que lhes é

reservado, segundo o saber médico, quanto à modificação do lugar social, este não é falado. Embora a mulher das décadas de 1930 e 1940 já trabalhasse fora e exercesse outras funções sociais e mesmo que essas “mulheres que trabalham” fossem também mostradas no periódico, este dá mais ênfase as relações familiares que permeiam a vida feminina. A mulher deve estar curada das doenças do útero, não só porque trabalha fora, mas, sobretudo porque tais doenças as impedem de serem boas mães e esposas.

Neste sentido, o poder- saber do almanaque insiste na patologização do corpo feminino, pois só desta forma esse mesmo corpo tem seus usos potencializados, é enquanto corpo frágil e doente que a mulher é alvo do biopoder e torna-se ao mesmo tempo sua principal aliada para melhorar a saúde da população. Suas perturbações naturais são companheiras dos médicos higienistas e do almanaque para disciplinar este mesmo corpo e torna-lo cúmplice no combate a degeneração da sociedade e no melhoramento da nação.

3.3 - Patologização do corpo feminino e o ideal de mulher.

Percebe-se, então que a patologização do corpo feminino serviu a interesses econômicos, políticos e sociais, mas que também foi fundamental para uma construção da identidade feminina ligada a maternidade, a família e ao lar. Assim, fica clara que a “natureza feminina” foi ela própria construída por discursos médicos, do estado, jurídicos etc. e do próprio almanaque d’ A saúde da mulher. Nestas situações o caráter performático do gênero ganha força, pois, é preciso construir discursivamente aquilo que se atesta com tanta verossimilhança ser verdadeiro:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2015, p. 244).

Seguindo a lógica da filósofa norte americana Judith Butler (2015) para se pensar o gênero, a criação de “verdades” tanto em torno do sexo quanto do gênero servem à interesses bastante específicos de saber e poder, neste caso compreendemos que o almanaque d’ A saúde da mulher se mostra como um dos meios para a criação destas performances, visto que

constantemente faz-se uso do ideal feminino à ser alcançado por meio do uso do tônico. O corpo feminino foi alvo de inúmeros discursos que visavam trazer a verdade de sua constituição biológica e acabaram por produzi-la, desta produção visou-se um maior aproveitamento das mulheres na sociedade como agentes do biopoder no âmbito familiar. Daí resultou-se, também uma série de intervenções sobre este corpo que o fizeram exposto aos olhos dos médicos do período no qual o próprio tônico do almanaque faz parte, eis aí a história atuando constantemente sobre o corpo. Conseqüentemente, percebemos que a persistência do almanaque em insistir na fragilidade biológica feminina nada mais é do que uma encenação, no sentido teatral, como afirma Butler, que busca reproduzir e afirmar as convenções históricas sobre as mulheres, tal encenação corrobora para a afirmação da crença de veracidade do gênero e do tipo de feminilidade construído pelo almanaque.

Desta forma, percebemos que ao insistir em determinados tipos de feminilidade e não outros o almanaque não está desvelando um real, um tipo fixo de mulher que existia naquele período, mas na verdade em performances do que deveria ser uma mulher dentro dos padrões esperados pelo meio social, é nestas reiterações constantes de identidades tanto para homens quanto para mulheres que a ideia de um gênero unívoco e transcendental se cristaliza. Em nossa compreensão, esta construção do ideal de feminilidade que o almanaque apresenta estão inseridos interesses econômicos, políticos e culturais, como já ditos, do biopoder que ao procurar governar a população vê no controle do corpo feminino por meio dos saberes, não só a regulação das mulheres, mas das crianças e da família como um todo, já que o lar é o lugar destinado a elas.

Como aponta Judith Butler as performances são atos e gestos fabricados e sustentados por meio de signos corpóreos, mas também por outros meios discursivos (BUTLER, 2015, p. 235). Esses discursos marcam o corpo e inscrevem valores sociais e culturais em sua superfície instituindo uma ideia ontológica de sujeito. Dentro de nossa compreensão, o almanaque d' A saúde da mulher ao buscar constantemente associar um lugar definido para o corpo feminino mostra-se como uma dessas discursividades que constrói tais performances e as legitima, cria uma ideia construída discursivamente e historicamente que institui e legitima uma norma feminina que deve ser seguida.

Dentro do almanaque percebemos a insistência de uma autonomia da mulher em relação ao seu próprio corpo, sobretudo, final da década de 1930 e início da de 1940, a mulher é convidada a cuidar ela mesma de seu corpo, mas não devemos nos enganar, tal autonomia

só é possível se a mulher se reconhecer enquanto organismo fraco e doente. Ela pode ser independente a partir do momento que ela se coloca enquanto dependente do tônico a saúde da mulher. A mulher é doente e frágil, mas não precisa, segundo o almanaque, tratar dessa fragilidade no consultório médico, pode fazer isso no conforto de sua casa com o remédio oferecido pelo almanaque.

No terceiro capítulo trabalharemos com a ideia de uma autonomia através do cuidado com a saúde feminina é abordada pelo almanaque. Como a insistência em uma mulher que cuida de sua própria saúde se automedicando com o tônico a saúde da mulher é favorável para ela mesma, para a família e, sobretudo, para a nação.

4. Capítulo III: “Seja sua própria enfermeira”: autonomia e saúde feminina no almanaque.

Vimos, portanto, como dentro do almanaque, as mulheres devem ser agentes ativas no tratamento de suas doenças causadas por sua biologia naturalmente patológica, pois é a mulher que tem por função cuidar do restante da família, assegurar que todos se mantenham saudáveis para desempenhar suas funcionalidades no meio social. O lugar da mulher nesta sociedade que se delineia na primeira metade do século XX é cuidar da família. Como mostra a historiadora Margareth Rago (2014), desde o início do século XX as mulheres que trabalhavam fora de casa eram mal vistas, pois deixavam de delegar à família a atenção necessária para que essa permanesse estruturada.

Mesmo sendo o trabalho feminino e infantil a base em que as fábricas operaram no início da industrialização brasileira (RAGO, 2014) há o discurso de retirar as mulheres dos trabalhos fora de casa, pois este ameaçaria, inclusive, o futuro da nação. A questão do gênero apareceu dentro do ideal eugênico na América Latina, assim como do biopoder, como ponto principal onde o “aprimoramento da raça” se desenvolveria, pois, como já afirmado a mulher desempenharia o agente principal desta ideia, visto que seu “lugar social” era o de mãe, esposa e senhora do lar.

No capítulo anterior observamos como é apontado no almanaque o cuidado que as mulheres devem ter com a família, sobretudo com os filhos e como o lugar de mãe é colocado como principal dentro da vida feminina, mas devemos levar em consideração que para desempenhar suas funções sociais de forma adequada e segura a mulher deve cuidar da sua saúde, ser autônoma dentro de seu processo de tratamento, coisa que o almanaque diz proporcionar.

Não devemos deixar de apontar que para a mulher ter autonomia no tratamento de seus males ela deve reconhecer sua natureza patológica, ou seja, deve-se sujeitar-se ao lugar de doente por natureza, para, assim ser independente no cuidado destes males. Neste capítulo destacaremos de qual forma e valendo-se de que símbolos o almanaque difundiu o ideal de uma mulher autônoma que trata de suas patologias para desempenhar sua missão na nação Brasileira. Não podemos deixar de levar em consideração que o período da Segunda Guerra

Mundial também influenciou de forma considerável as propagandas dos almanaques, sobretudo atenuando as relações entre mulheres e o bem estar da nação.

Como já afirmado, na década de 1930 com o advento da chamada Era Vargas, a preocupação com a saúde da nação acentua-se cada vez mais, tal preocupação tem suas marcas mais persistentes com a criação de uma saúde pública que visou o controle populacional por meio do Estado (FONSECA, 2007), além disso, outras formas de controlar a população foram criadas, sobretudo a partir de 1937 com a implantação da ditadura do Estado Novo (1937-1945). Não podemos deixar de mencionar a criação em 1939 do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), como um importante meio de difundir os ideais do regime autoritário nas camadas populares do Brasil.

Com o Estado Novo Vargas interviu em todos os âmbitos da cultura brasileira, mas dando uma ênfase maior na imprensa escrita, tanto que o governo tinha suas próprias revistas de veiculação de seu ideário político, são exemplos a cultura política e a ciência política. Mas o Estado Novo também interviu na imprensa independente, visto que era necessário que a concepção de nação do regime varguista alcançasse todas as camadas que compunham o país. O almanaque d' A saúde da mulher aparece como um claro exemplo de interferência do Estado em suas publicações, como a imagem a seguir demonstra:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1941, p. 28)

A imagem não é uma propaganda do tônico a saúde da mulher, mas o calendário de Outubro de 1941, como já dito a relação do almanaque com o tempo é presente desde sua gênese, o almanaque d' A saúde da mulher não foge de suas estruturas básicas e traz todos os meses do ano no qual é referente com suas principais datas. Não é mera coincidência que dois anos após a criação do DIP, o mês de outubro do almanaque tenha como principal data, o início do golpe (no periódico trazido como revolução) que colocou Vargas no poder. Na imagem vemos Getúlio Vargas, símbolo máximo do Estado Novo, com uma bandeira do Brasil atrás de si, na legenda a baixo o seguinte dizer: 03 de Outubro Rev. Nacional. Durante a fase mais autoritária da Era Vargas a veiculação da imagem do presidente era algo recorrente, pois trazia a ideia de um líder cada vez mais próximo do povo, a bandeira do Brasil atrás atenua o caráter de revolução nacional do enunciado abaixo enfatizando que Vargas é o legítimo representante da nação e que deve ser lembrado como tal, assim como a “revolução” de caráter “nacional” que o colocou no lugar que ocupava no período.

Percebe-se, pois, que como variados impressos do período o almanaque d' A saúde da mulher também sofreu a influência do Departamento de imprensa e propaganda do Estado Novo, principalmente porque este periódico tinha um poder de alcance bastante elevado visto que era distribuído de forma gratuita. Outro fator que faz o impresso importante para o Estado é o seu público alvo, as mulheres. Como já apontado desde a década de 1920, mas acentuando-se na década de 1930 com o governo de Vargas, as mulheres vão ser entendidas como sujeitos primordiais dentro de uma política de estado nacionalista que visava uma nação livre da degeneração. Desta forma, um periódico que já trazia os estereótipos ideais a serem seguidos pelas variadas mulheres que constituíam o país se apresentaria como significativo para um tipo de governo que visava difundir esses ideais ligados ao nacionalismo. Assim, a presença, mesmo que tênue do nacionalismo se fará mais forte no almanaque especialmente no final da década de 1930, com o Estado Novo.

Veremos, como a propagação feita pelo periódico de uma mulher autônoma e trabalhadora, casa com os ideais do Estado varguista autoritário e com um projeto biopolítico de nação forte e saudável.

4.1 - Autônoma, porém frágil.

Já destacamos como a mulher foi reduzida a sua constituição biológica pela medicina, sobretudo do século XIX. Como aponta Laqueur (2001), tal construção discursiva que construiu este corpo foi impulsionada por diversos fatores culturais, sociais e econômicos. Um dos fatores consideráveis desta redução do feminino ao seu útero tem raízes até antes do século XIX. Ainda no século XVIII, após a Revolução Francesa (1889) o início das reivindicações das mulheres por direitos políticos também impulsionou um movimento antifeminista que visava a manutenção dos lugares sociais das mulheres, como afirma Laqueur. Desta forma as convenções culturais dos gêneros que já existiam¹, foram convertidas em convenções científicas verdadeiras e imutáveis, que se pretendiam neutras, mas que também apresentavam traços culturais marcantes e significativos, assim grande parte das normas historicamente aceitas sobre o feminino e masculino foram transportadas para a biologia:

O sexo social projetou-se na direção do sexo biológico, a nível dos próprios produtos generativos microscópicos. Muito rapidamente o óvulo passou a ser visto como um ninho meramente passivo, onde o menino ou a menina, comprimidos em cada animálculo, engordavam antes de nascer. A fertilização tornou-se uma versão em miniatura do casamento monogâmico, onde o animálculo/marido conseguia entrar na única abertura do óvulo/esposa, que então se fechava e ‘não permitia que nenhum outro ser entrasse’. (LAQUEUR, 2001, p. 210)

Como o autor aponta, a passividade feminina frente a reprodução foi atestada cientificamente pelo conhecimento médico, como sendo como uma das características principais do lugar feminino frente a geração de novos indivíduos, mas não só dentro da biologia as mulheres foram colocadas como meramente passivas, é necessário percebemos a analogia que o autor traz e que era constantemente usada pelos médicos do período, entre o lugar do corpo biológico feminino frente a reprodução e o seu lugar social no casamento, são os mesmos: a passividade. Sendo assim, a construção do sexo feminino feito pela ciência visa apenas corroborar o que socialmente já se tomava como uma verdade, mas que estava sendo contestado por algumas mulheres que visavam outros lugares sociais e não mais o de apenas mãe e esposa. As mulheres, segundo a diferenciação do sexo descrita por Laqueur, não podem

¹ Para Laqueur (2001), o gênero vem antes do sexo, visto que o autor apresenta como durante muito tempo as mulheres eram consideradas homens menos perfeitos e não seres totalmente contrários à constituição biológica masculina, tal diferenciação e a afirmação das características biológicas como totalmente opostas só será feita no final do século XVIII e mais aprimorada durante o século XIX. Desta forma, a principal tese do autor é que o sexo biológico que conhecemos é tão culturalmente construído quanto o gênero. O sexo, inclusive veio depois do gênero, já que sua criação data do final do século XVIII.

ocupar outros espaços, além do ambiente seguro do lar, pois sua própria construção biológica a impossibilita disto, já que é frágil e débil.

Já afirmamos que diferentemente do conhecimento médico, mas sem dele se distanciar completamente, o almanaque d' A saúde da mulher insiste, na maioria de suas propagandas, em uma autonomia da mulher sobre seu próprio corpo oferecendo o remédio no qual a mulher pode automedicar-se sem precisar consultar um médico e, assim, regular sua biologia falha e doente. Embora o almanaque passe a ideia de independência e autogoverno, não devemos deixar de levar em consideração que para alcançar tal liberdade de tratar seu corpo, a mulher tem que, antes de tudo, reconhecer-se enquanto doente, enquanto fraca, deve colocar-se no lugar de sujeito construído pelo saber e pelo poder que desde o final do século XVIII enquadrou seu corpo e o fixou em determinados lugares sociais pré-estabelecidos por meio da biologia. Antes de autônoma, a mulher dentro do almanaque deve se reconhecer dependente o tônico que pode regular suas doenças e manter sua vida feliz e com saúde:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1948, p. 28)

Nesta imagem podemos observar uma mulher bem vestida presa em uma teia de aranha e aparentemente está desacordada a frase ao seu lado alerta: “Liberte-se dos sofrimentos do útero e dos ovários, com o uso do grande regulador e tônico a saúde da mulher”. Podemos perceber que a palavra liberte-se ganha um grande destaque dentro da imagem, com letras muito maiores que o restante da sentença, apontando como a questão das mulheres se libertarem dos seus males é tão importante nas propagandas, mas não podemos deixar de notar que mesmo a palavra “liberte-se” ganhando um grande destaque, ela não se destaca mais do que o nome do tônico a saúde da mulher deixando claro que a via para a liberdade feminina é apenas uma: o uso do tônico e que o que as mulheres precisam se libertar é unicamente da sua fraqueza biológica que tantos maus causam à sua vida.

Após compreendermos do quê a mulher deve se libertar, a imagem faz mais sentido, lembrando que a análise da imagem não pode vir desacompanhada da análise do enunciado que a acompanha (GREGOLIN, 2011). A teia na qual a mulher da imagem está presa é apenas a sua própria constituição biológica, mais precisamente, seu útero que carrega uma grande potencialidade de atrapalhar a vida feminina e o bom funcionamento do Estado já que é naturalmente causador de doenças. Mas as mulheres não devem se preocupar, a prisão que o almanaque cria ele próprio liberta, como estratégia do biopoder, o almanaque tem o objetivo de tirar o corpo feminino da prisão que é a doença e deixa livre não só a mulher, mas a população no geral que não sofre com as consequências que um corpo feminino doente pode trazer. A chave para uma vida com liberdade é o tônico a saúde da mulher, que ao fazer seu uso pode levar uma vida tranquila e feliz. Grande ironia: a prisão das mulheres é seu próprio corpo, dele é que elas precisam se libertar para poder levar a vida de forma tranquila.

Como aponta Fabíola Rohden (2001) segundo o saber médico, no qual o almanaque se apoia a estrutura biológica, principalmente genital feminina tem o poder de alterar toda a sua estrutura física, mas, sobretudo mental, ter saúde e “libertar-se dos sofrimentos do útero e dos ovários” significa para as mulheres também ter sanidade já que esta é ameaçada diretamente por tais males. Para ter sanidade e, mais do que tudo, liberdade é ao tônico a saúde da mulher que as mulheres devem recorrer.

No capítulo anterior, vimos como o apelo para a saúde da mulher voltou-se para a família, ela precisava estar saudável, pois as pessoas dependiam dela, não só as de sua família, mas toda a nação. Agora pretendemos analisar como o apelo também voltou-se para a mulher enquanto ser que trabalha e tem uma vida para além do âmbito familiar, entretanto os deveres cívicos permanecem sendo objeto principal de intimação para a mulher se ocupar de sua saúde:



(A saúde da mulher, 1938, p. 35)

Na propaganda do final da década de 1930 vemos uma mulher com os trajes de enfermeira do período segurando em mãos um frasco do tônico a saúde da mulher, seu olhar não encara a/o leitora/r do periódico, mas volta-se para o lado. Suas feições são tranquilas e deixam escapar um leve sorriso que dá suavidade a sua expressão. As cores vivas nos apontam que os avanços em relação à qualidade em relação às imagens são alcançados pelo almanaque e são tais cores que chamam mais atenção para a propaganda.

As frases que aparecem tanto acima da enfermeira quanto abaixo são as que mais causam impacto na imagem. Primeiro: “Seja sua própria enfermeira” traz, agora de forma explícita que as mulheres podem ser independentes nos tratamentos de seus males, sem precisar procurar um médico para isso. E abaixo podemos ver: “cuide dos males de seu corpo com A saúde da mulher” indicando de que forma as mulheres podem tratar seus males sem sair do conforto de seu lar. Mais uma vez reforçamos que tais ideias que acompanham grande parte do almanaque não escapam ao saber médico que patologizou o corpo feminino e o

condicionou, mas, como enunciado, o almanaque escapa, em partes, do discurso médico oficial que coloca o médico como o único capaz de tratar o corpo feminino. Isso não implica dizer que há um distanciamento significativo entre o discurso médico e o almanaque, pelo contrário, o almanaque precisa reafirmar algumas proposições do discurso médico para adquirir um estatuto de verdade, portanto, mesmo existindo algumas divergências em relação ao tratamento das doenças femininas o periódico não deixa de ser uma tecnologia do discurso médico que visa o controle do corpo feminino.

O tônico se propõe a ocupar tal lugar no tratamento feminino, se propõe, inclusive, a auxiliá-la já que é a mulher que deve se automedicar, entretanto, a leitora do almanaque precisa se colocar no lugar de sujeito patológico a ser tratado para, então ter sua autonomia. Precisa ter plena ciência de seu organismo fragilizado, para só assim, poder ela mesma cuidar do seu corpo.

A figura da imagem também nos chama atenção. Nesta propaganda não é uma mãe ou uma esposa que vem trazer o tônico como a solução para a boa saúde feminina, mas sim uma enfermeira, ou seja, uma mulher que além de mãe e esposa (ou não) também tem um trabalho fora de casa. Como já dito, o trabalho feminino fora de casa, principalmente a partir da década de 1930 vai ser bastante condenado por vários intelectuais de áreas diversas, Igreja, Estado, médicos e juristas convergiam na ideia de que o lugar principal que as mulheres poderiam ocupar era a casa, cuidando dos filhos e do marido, sendo assim aquelas que trabalhavam nas fábricas ou em qualquer outro lugar que não fosse a casa eram mal vistas dentro da sociedade. Mas a mulher que aparece na propaganda não é uma trabalhadora qualquer, não faz parte da maioria das mulheres que davam seu suor nas fábricas ou em outros locais onde o trabalho era extremamente exaustivo, a mulher que se apresenta nesta divulgação do tônico é uma enfermeira.

Margareth Rago (2014) mostra que as mulheres que se tornavam enfermeiras eram as que podiam pagar por algum tipo instrução, enquanto as que não podiam seriam domésticas, telefonistas operárias e etc. o lugar social de uma enfermeira era privilegiado em relação às outras profissões que eram delegadas para as mulheres. Mas ser enfermeira não significava estar em um patamar profissional tão alto, Rago também nos chama atenção para o fato de que as profissões reservadas para as mulheres devido a crescente desvalorização de suas capacidades intelectuais, política e profissional eram profissões em que as mulheres se encontravam em um grau sempre abaixo de algum homem. Já evidenciamos que o lugar

social do médico desempenha nas sociedades modernas ocidentais um dos mais privilegiados e bem quistos e mesmo as mulheres brasileiras podendo adentrar na profissão médica desde o final do século XIX (ROHDEN, 2001), é como enfermeiras que as mulheres que faziam parte do saber médico são sempre associadas.

Mas mesmo não estando em um lugar social tão prestigiado como o de médico, as enfermeiras são, mesmo assim, representantes do saber médico e em nome dele agem no meio social. Muito antes da implantação do Estado Novo as enfermeiras já eram tidas como agentes principais do sanitarismo, pois como estavam subordinadas aos médicos, eram elas tinham contato direto com a população pobre que deveria ser gerida pela saúde pública (SANTOS 2008).

Não devemos deixar de mencionar que a enfermagem foi associada às mulheres também por que remetia ao cuidado do outro, característica que era atribuída as mulheres, ou seja, mesmo em sua profissionalização as mulheres apareciam como sujeitos que tinham por função primordial cuidar dos filhos, do marido e também da sociedade. Portanto, a recorrência de enfermeiras nas propagandas do tônico a saúde da mulher, principalmente no final da década de 1930 está ligada ao lugar da profissão na sociedade, mas também ao próprio lugar do feminino nesta sociedade, encontramos, inclusive um uso muito mais recorrente e com apelos nacionalistas em relação a propaganda com as enfermeiras quando o Brasil entra oficialmente na Segunda Guerra Mundial a partir de 1942.

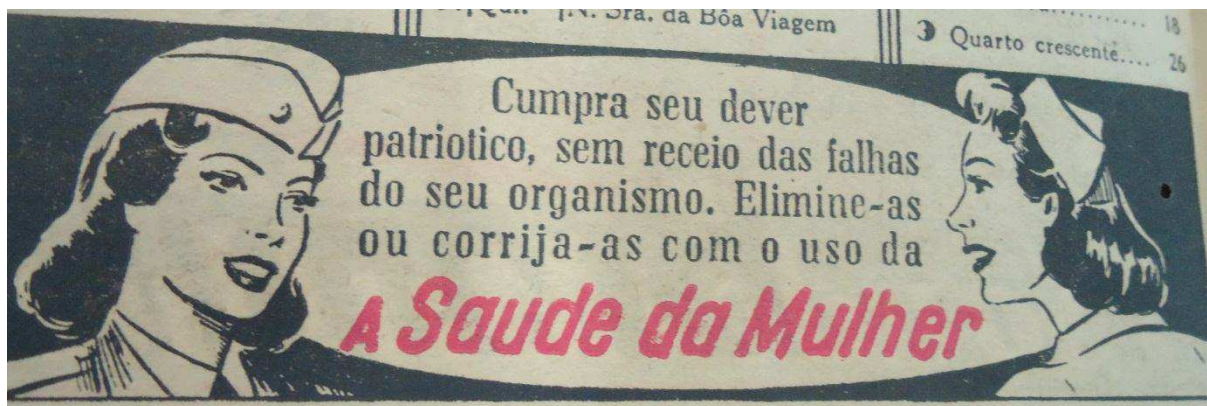
4.2 - “Cumpra seu dever patriótico”: quando a nação precisa das mulheres

Já apontamos como o DIP (Departamento e Imprensa e Propaganda) interferiu nos mais diversos meios de comunicação de massa a partir de suas criação em 1939, também apontamos como a saúde dentro do governo Vargas ganha um lugar de destaque fundamental, pois a preocupação com a saúde foi fundamental para as nações ocidentais no geral que se queriam livres das degenerações e das doenças. Sendo assim, embora a participação do governo na estruturação da saúde brasileira tenha sido fundamental, não queremos colocá-lo como a única fonte que emana o saber-poder que daí se desenvolveu, seguindo Roberto Machado (1982), compreendemos que as relações de poder são mais complexas do que a simples emanção de um único polo. Devemos levar em conta que médico, membros da igreja, membros do Estado, profissionais ligados ao direito e até as relações mais cotidianas, tinham interesse e se apoiavam no discurso médico para validar suas tentativas de melhorar a nação, portanto as propagandas do Almanaque d’ a saúde da mulher vão além da mera

centralização do Estado brasileiro sob a figura de Vargas, embora este fator tenha influenciado bastante o periódico.

Durante boa parte da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o governo de Getúlio Vargas procurou manter-se neutro frente ao conflito, principalmente, pois o presidente mantinha uma relação muito próxima com os ideais totalitários do fascismo, entretanto tal neutralidade não durou tanto. Com as pressões norte-americanas para que o país declarasse apoio a algum lado do conflito frente ao ataque realizado pelos japoneses na base norte-americana de Pearl Harbor em 1941, a neutralidade não mais poderia ser uma posição adotada pelo Brasil. A escolha por declarar guerra ao Eixo em 1942 e apoiar os Aliados fez com que o Brasil organizasse uma expedição de soldados para que lutassem no conflito. A Força Expedicionária Brasileira foi organizada para que brasileiros e brasileiras fossem enviados para dar reforço aos Aliados na guerra. Como FEB seria composta por voluntários e voluntárias o governo empreendeu campanhas com objetivo de enaltecer aqueles/as que se voluntariaram antes da ida para a guerra e durante ela (SANTOS, 2008).

Como também foi montado um grupo de enfermeiras que também foi para a guerra (as chamadas febianas), observamos que houve um crescimento das propagandas ligando esta profissão e os deveres cívicos foram difundidas nos diversos meios de comunicação (OLIVEIRA, 2009). O almanaque d' a saúde da mulher parece ter sido um importante meio de divulgação destes ideais que ligaram patriotismo com a saúde da mulher e seus deveres para com a nação, o decreto que criou o grupo de enfermeiras reservas do exército é de 1943, em 1944 já podemos observar no almanaque e o apelo ao dever patriótico feminino:



(Almanaque d' A saúde da mulher, 1944, p. 20)

Na imagem é possível observar duas enfermeiras cada uma usando um tipo uniforme diferente que estas usavam, estando de frente uma para a outra, ambas sorriem, um sorriso

aberto e feliz. No meio das duas mulheres é possível ler a seguinte oração: “Cumpra seu dever patriótico, sem receio das falhas de seu organismo. Elimine-as ou corrija-as com o uso da saúde da mulher”. Com a leitura do enunciado percebemos o motivo da felicidade das duas mulheres.

Estão felizes, pois a regularidade de sua biologia falha as permite cumprir seu dever para com a nação, mas tal feito só se faz possível com o uso do tônico a saúde da mulher. O nome do remédio sempre aparece com destaque, visto que não deve-se esquecer o objetivo do almanaque que é difundir sua eficácia e quando ele é benéfico para todo o sexo feminino cuidar de seu corpo que é frágil e débil. Mesmo o tônico não prometendo eliminar por completo as doenças femininas causadas pelo seu útero ele garante uma regularidade à saúde feminina que é necessária para que esta garanta seu bom desempenho nas atividades cívicas.

É interessante notar que não dentro da matriz da maternidade que as mulheres são retratadas nesta propaganda, seus deveres cívicos não se resumem ao cuidado do marido e dos filhos, mas são outros, inclusive ligados a uma profissão, isso em um período em que até a instrução que poderiam chegar a receber seria voltada para o cuidado com o lar, como refletido a seguir:

Também não se abrem amplas perspectivas profissionais para ela, como se poderia supor num primeiro momento. Afinal, a preocupação com sua educação visa prepará-la não para a vida profissional, mas sim para exercer sua função essencial: a carreira doméstica. Os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torna-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem. (RAGO, 2014, p. 89).

Portanto, a historiadora Margareth Rago nos dá indícios de como as mulheres não eram pensadas muito menos educadas em termos de profissionalização e para seguir carreira. Sua instrução deveria ligar-se ao objetivo de torná-la menos ignorante em relação aos homens, mas nunca uma profissional equiparada aos mesmos. Este trecho do livro da historiadora refere-se à década de 1930 e mesmo na década de 1940 os estudos femininos voltados à profissionalização não era algo a ser incentivado. Porém o almanaque acrescenta ao dever cívico feminino a profissionalização. As mulheres podem, dentro do periódico, contribuir de outra forma para o país, enquanto profissionais, tal incentivo também faz parte das campanhas do governo que visavam promover a atuação das febianas na guerra.

Porém, devemos ter cautela ao abordar tal “avanço” do periódico frente a moral mais conservadora que via nas mulheres apenas mães e donas de casa. Mesmo abordando outras

formas das mulheres de contribuírem para o seu país, o almanaque insiste sempre em um aspecto: as mulheres podem sim ir além da maternidade, mas desde que reconheçam sua fragilidade e debilidade que podem ser solucionadas com o tônico.

Mais uma vez, as mulheres devem se colocar em determinado lugar de sujeito- neste caso, doente- para só assim desfrutarem de sua autonomia e liberdade e expandirem seus horizontes para além do lar:



(Almanaque d' A saúde da mulher 1945, p. 20)

Nesta propaganda já do ano de 1945 continuamos a perceber a presença marcante do uso de mulheres enfermeiras na divulgação do tônico, novamente duas mulheres com uniformes de enfermeiras interagem na cena, enquanto uma está sentada manipulando um material que parece ser uma agulha a outra está de pé trazendo o que podem ser remédios. A cena ilustra uma cena cotidiana das enfermeiras desempenhando o seu trabalho, ambas sorriem e parecem não ter nenhuma dificuldade em realizar suas atividades. Ao lado podemos observar os seguintes dizeres: “Dedique-se sem receio a qualquer tarefa protegida contra as falhas do seu organismo: use a saúde da mulher”.

A frase, juntamente com a imagem, indica que nenhuma atividade é incapaz de ser realizada por uma mulher, desde que esta esteja em dia com sua saúde, a forma para ter saúde nós já conhecemos é o tônico a saúde da mulher que tem seu nome sempre posto em destaque, é somente a partir do uso deste medicamento que é possível às mulheres desempenharem as atividades que bem desejarem.

Nesta propaganda não encontramos mais o apelo tão ávido pelo cumprimento do dever patriótico, mas a figura da enfermeira continua a se mostrar como um meio bastante viável

para comercializar o tônico. É importante frisar que com a iminente proximidade do fim da Segunda Guerra Mundial, o governo não mais insistiu em difundir ideais patrióticos ligados aos brasileiros e brasileiras que foram para o conflito, inclusive com o fim da guerra as enfermeiras foram desmobilizadas da FEB (Forças Expedicionárias brasileira) e esquecidas (OLIVEIRA, 2009). Mesmo assim, a imagem de enfermeiras foram divulgadas no periódico até o final da década de 1940.

Geralmente acompanhada do mesmo enunciado “Seja você sua própria enfermeira” o uso da imagem dessas mulheres parece trazer um impacto significativo nas leitoras. Primeiro, pois invoca uma profissão bastante almejada para aquelas mulheres que queriam subir na vida, mesmo que não tivessem o recurso necessário. Segundo, pois exhibe uma ideia de autonomia da mulher com seu próprio corpo, bastante libertadora. E terceiro, por que mesmo autônoma, a figura que apresenta o tônico ainda se liga, mesmo que de forma subordinada, ao saber médico que construiu o organismo feminino enquanto patológico, delicado e instável, mesmo autônoma no cuidado de sua saúde, a mulher permanece dependente de um certo tipo de verdade sobre seu corpo que as condiciona, como aponta Foucault:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘*Vocês são apenas o seu sexo*’ dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. ‘*Vocês são a doença do homem*’. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando a patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência. (FOUCAULT, 1982, p. 234).

Como aponta o filósofo francês supracitado, o corpo feminino é assunto e preocupação do saber médico, que produz este corpo enquanto fraco, doente, causador de males não só para si, mas para a população no geral, pensando o almanaque dentro destas considerações é possível perceber que o corpo feminino mesmo sendo mostrado como um corpo que cada vez ocupa novos espaços, novos lugares, onde a mulher cuida da sua própria saúde, não deixa de ser tutelado por um tipo de conhecimento científico que possui a verdade sobre este corpo. A veiculação de imagens de enfermeiras foi, uma estratégia significativa visto o poder que tal imagem carrega, mostra que as mulheres podem ser independentes e desempenhar variadas atividades no meio social, elas só precisam reconhecer o quanto seu corpo é doente e trata-lo com o tônico para desfrutar de todos os benefícios da vida.

Como já afirmado, mesmo o almanaque apelando a um ideal de autonomia feminina, inclusive para a profissionalização das mulheres, diferente do conhecimento médico que prescrevia uma passividade feminina frente à sociedade, o almanaque mostra às mulheres

ativas, sobretudo na defesa da nação e no cuidado de sua própria saúde. Se considerarmos a corrente eugênica que mais se fez presente no Brasil, a neolamarckista, que tinha como base nas teorias de Jean-Baptiste Lamarck que, antes mesmo de Dawin, defendeu a influência do meio na evolução percebemos que este corrente que tomou como base o lamarckismo, tinha sobre a degeneração uma visão diferente das outras correntes, sobretudo anglo-saxônicas que percebiam apenas a hereditariedade, sem influência do meio, como o fator determinante para a degeneração. Para os eugenistas brasileiros algumas modificações no meio poderiam livrar a sociedade da degeneração, daí podemos observar que o movimento eugenista brasileiro focou mais no sanitarismo e no higienismo do que em medidas de eliminação dos degenerados da sociedade. (STEPAN, 2005)

Neste sentido, podemos perceber que a educação e a profissionalização feminina adquire um papel ímpar nos ideais eugênicos, já que mães instruídas poderiam gerar e criar filhos instruídos para a nação, desta forma, a profissionalização feminina defendida pelo periódico não escapa dos ideais eugênicos, nem das propostas do biopoder para regular as populações, já que tal profissionalização visaria melhorar a tendência biológica feminina para o cuidado do outro e para o cuidado de toda a nação.

Por fim, compreendemos que o uso que o periódico faz para difundir certos tipos de mulheres e, sobretudo, de trabalho feminino não é em vão, muito menos neutro. Mantendo o ideal de tutela do saber médico para com o corpo feminino o almanaque propõe que a mulher seja ela própria agente do saber-poder e ativa no tratamento de suas doenças. Propõe uma mulher ativa, mas dentro dos limites da patologização, colocar-se no lugar de fragilizada e reconhecer assim como legitimar o conhecimento sobre o corpo feminino é o preço a ser pago para alcançar tal autonomia desejada.

5. Considerações finais:

Ao analisar as imagens construídas sobre as mulheres no século XX no Brasil, a historiadora Carla Pinsky (2012) identifica dois momentos diferentes de representações das mulheres, sobretudo em periódicos, que visavam enquadrar o feminino e seu lugar social de acordo com cada época. O primeiro momento que vai do início do século XX até início da década de 1960, a autora chamou de “Era dos modelos rígidos”, o segundo “Era dos modelos flexíveis” vai da segunda metade da década de 1960 até os dias atuais. A chamada “Era dos modelos rígidos” se caracteriza, segundo Pinsky sobre o momento em que ser mulher era um dado inquestionável, visto que era sobre a “natureza” feminina que este dado da realidade era baseado. Por depender de sua natureza, falha e delicada, poucos eram os lugares sociais que podiam ser ocupados por mulheres, estes geralmente se restringiam ao casamento e a maternidade.

Neste sentido, destacar as condutas e normas que marcam o que é ser mulher dentro das primeiras décadas do século XX, era algo completamente normal dentro de revistas, jornais e outros meios de comunicação, tudo para que as mulheres de todas as idades permanecessem dentro daquilo que era respeitável moralmente para a sociedade. Ora, se ser mulher era um dado inquestionável da natureza por que esta verdade deveria ser constantemente lembrada nos meios de comunicação e nas condutas femininas? Já que a “verdade” do que seria uma mulher nas décadas de 1930 e 1940 é inexorável, por que havia tantos discursos que buscavam fixar nas mentes e nos corpos tal verdade?

Dentro do pensamento da filósofa Judith Butler o sujeito “mulher” não passa de uma construção cultural e política interessada realizada por discursos que se materializam-se em atos e gestos performáticos de gênero:

Esses atos, gestos, e atuações entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2015, p.235)

Diante das alegações elaboradas por Butler, é possível percebermos que essas tantas tentativas de fixar o corpo feminino em determinados lugares sociais se dá porque este corpo não pode ser fixado, a insistência em um ideal de naturalidade feminina e sua divulgação nos mais amplos meios de comunicação da sociedade nada mais é do que uma teatralização de um ideal que não existe. Não

há uma “mulher” natural, ideal e verdadeira, mas há tentativas e construções por meio de discursos, gestos e atos dessa mulher atrelada a esta ideia de naturalidade.

Desse modo, é possível pensar o almanaque d’ a saúde da mulher como uma dessas formas de construção do corpo feminino. Ao coloca-lo como patológico e que precisa ser regulado, o almanaque constrói a mulher que fará uso do seu tônico, constrói as doenças que marcam esse corpo e solidifica o que é ser uma mulher. A saúde apresenta-se como o ponto chave para alcançar este ideal, pois ela se relaciona ao saber que nas décadas de 1930 e 1940 possuía atestado de verdade, o saber científico e, mais precisamente, médico. Seja a mulher filha, mãe, esposa, trabalhadora e pertencente a uma nação, deve, dentro do almanaque d’ A saúde da mulher, estar em dia com sua saúde só assim poderá ocupar seus lugares sociais de forma adequada. Ou seja, é preciso enquadrar-se em um modelo e deixar-se regular pelo tônico a saúde da mulher para poder estar em dia com suas obrigações na sociedade.

Neste sentido, visamos com esta pesquisa problematizar esta feminilidade ou feminilidades difundidas dentro do almanaque d’ A saúde da mulher. Neste trabalho podemos perceber como as imagens ganham importância nesta difusão por se apresentarem como um meio ainda mais chamativo e persuasivo do que os textos. Compreendemos também como a ideia de naturalidade atribuída ao corpo feminino não se sustenta justamente por essas formas que às vezes nos parecem até desesperadas de tornar imóvel este corpo. Logo, percebemos que os corpos são produções históricas de cada época, enquanto construções culturais, respondem a anseios políticos, sociais e também econômicos de cada período e se as mulheres se tornam o alvo principal dessa produção no início do século XX, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940 que abordamos nesta pesquisa, é por que este corpo apresenta-se como ponto importante para a edificação de um tipo de sociedade específico: a sociedade biopolítica que regulamenta os corpos.

Isso nos remete ao conceito de poder em Michel Foucault, ao pensar o dispositivo da sexualidade e o lugar que este ocupa na sociedade ocidental, o filósofo francês não pensa apenas nos termos da repressão e silenciamento, mas em termos de uma produção positiva do poder. Em torno da sexualidade, como aponta Foucault, foram produzidos saberes, conhecimento e uma nova forma de regular a população.

Logo, podemos perceber que o corpo feminino fabricado pelo almanaque d’ A saúde da mulher carrega a positividade do poder. O poder produz um tipo de feminilidade que servirá ao interesse do saber e da nação, uma feminilidade que ao ocupar de forma adequada o seu lugar social, cuida da

saúde da família e cuida dos futuros trabalhadores da nação. Sendo assim, o poder produz uma verdade sobre o corpo feminino e a faz funcionar de acordo com seus objetivos.

Por fim, ao pensar os saberes e poderes que formam “a mulher” mostrada no almanaque d’ A saúde da mulher, percebemos como essa construção é histórica e não cessa de se modificar. Hoje, outros meios e outras estratégias são usadas para ainda construir uma norma que é ela também móvel. Encerramos tal reflexão com uma frase mais adequada impossível do filósofo que norteou nossa análise: “nada no homem - nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles.” (FOUCAULT, 1982, p.27).

6. Referências:

- BUENO, Eduardo. **Vendendo saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. 160 p. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 287 p.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 215 p.
- CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque: um estudo semiótico**. 1ª. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1996. 157 p.
- FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930- 1945): dualidade institucional de um bem público**. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. 298 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 174 p.
- _____. **A ordem do Discurso**. 24º. ed. São Paulo: Loyola, 2014. 74 p.
- _____. **Microfísica do poder**. 3º. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- _____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e semiologia:: enfrentando discursividades contemporâneas. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. Cap. 3. p. 83-105.
- LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.
- LARA, Caroline de. **Saúde e educação sanitária: características persuasivas e pedagógicas nas propagandas dos almanaques de farmácia**. Disponível em: http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1467765327_ARQUIVO_5403_TEXTO_COMPLETO_CAROLINE_DE_LARA_ANPUH_2016.pdf. Acesso em: 24 de Fevereiro de 2018.
- LARA, Caroline de. **“Eis aqui o remédio ideal!”: nacionalismo e educação sanitária nas publicidades dos almanaques de farmácia (1942 – 1945)**. Disponível em: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1424130051_ARQUIVO_Caroline deLara.pdf. Acesso em: 24 de Fevereiro de 2018.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos . In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. (Org.). **Fontes Históricas** . 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 4, p. 111-154.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo: As mutações no olhar.** O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 1. p. 15-82.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil.** São Paulo: Fapesp, 1999. 216 p.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. **Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial:** repercussões dessa participação. Texto, Contexto, Enfermagem, Florianópolis, p. 688-696, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/10.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 127 p.

PRIOR, Tamara. Contra a decadência: o mito da virtude eugênica. In: MOTTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Org.). **Eugenia e História:** ciência, educação e regionalidades. 1ª. ed. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora,, 2013. p. 85-98.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Cap. 15. p. 578-606.

_____. **Do cabaré ao lar:** A utopia da cidade disciplinar. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 279 p.

ROHDEN, **Fabiola.** **Uma ciência da Diferença:** sexo e gênero na medicina da mulher. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. 245 p.

_____. **A arte de enganar a natureza:** contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. 246 p.

SANTOS, Tânia Cristina Franco dos; BARREIRA, Ieda de Alencar. **A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo.** Texto, Contexto Enfermagem, Florianópolis, p. 587-593, set. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a21v17n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

SCOTT, J. W. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 2. Jul./dez. 1995.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia:** raça, gênero e nação na América Latina. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 224 p.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. **Almanaques: História, contribuições e esquecimentos.** Dialogus. 2008; V.4: 8 p. Disponível em: <https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanaques_historia_contribuicoes_esquecimento_2008.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Teoria e método em Michel Foucault** (in) possibilidades. Cadernos de educação, Pelotas, n. 34, p. 84-94, dez. 2009.